



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Sociais**  
**Departamento de Antropologia**  
**Graduação em Antropologia Social**

**Juny Ribeiro de Souza**

**O sacrifício de Columbine**

Brasília, 2022

**Juny Ribeiro de Souza**

**O SACRIFÍCIO DE COLUMBINE**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz Eduardo de Lacerda Abreu

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Eduardo de Lacerda Abreu  
Departamento de Antropologia - UnB

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Christine de Alencar Chaves  
Departamento de Antropologia - UnB

Brasília

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, mas principalmente aos meus pais Sandra e Luiz e à minha irmã Clarissa, que sempre foram minha base para tudo o que sou hoje. Com eles tive apoio, amor, carinho e dedicação, aprendi sobre paciência e perseverança. Em diversos momentos foram eles que me deram forças para continuar e não desistir. Esse trabalho acima de tudo foi feito com vocês. Obrigada por nunca terem desistido de mim e por serem a melhor família que existe.

Às minhas amigas de longa data, Anna e Bruna, que sempre estiveram presentes como puderam e me forneceram muito amor, paciência, carinho e cuidado. Muito do que sou hoje devo a elas, esse caminho teria sido muito mais conturbado e difícil sem o amor que elas sempre me deram. Obrigada por me amarem, me aceitarem e me respeitarem pelo o que sou.

Aos amigos e amigas que tive a imensa sorte e prazer de conquistar, construir e cultivar ao longo da minha graduação, mas principalmente a Andressa, Cecília, Claudio, Thaynan, Vitória e Viviane, que foram grande parte de toda minha trajetória dentro da UnB. Sem essas pessoas maravilhosas não consigo mensurar como esse caminho poderia ter sido mais difícil. Obrigada por me acolherem como eu sou e terem dividido essa caminhada comigo.

Agradeço ao meu orientador Luiz Eduardo por ter aceitado me orientar e me ajudar nessa caminhada, que não foi fácil, mas que com sua ajuda e contribuição acabou fazendo com que esse trabalho pudesse ficar mais leve e possível.

A todos(as) professores(as) e trabalhadores(as) da UnB que me ensinaram, me ajudaram e me inspiraram por todos esses anos de graduação.

A Demi Lovato, que fez e faz parte da minha vida tanto tempo que já não me lembro mais como minha vida era antes de escutá-la pela primeira vez. Sua música e história me inspiraram e me deram forças. Sem ela eu não saberia como acreditar que sonhos podem se realizar.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar um dos massacres escolares mais conhecidos do mundo a partir de um olhar de um dos tópicos muito discutidos dentro da antropologia, a fim de relacionar os assuntos de um acontecimento que está em alta juntamente com a antropologia que busca estudar aspectos sociais da vida dos seres humanos. Para tanto, se faz necessário salientar que o trabalho não busca encontrar respostas ou justificativas para o crime aqui descrito, sendo apenas trazido para a discussão de um acontecimento em alta no mundo. Realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica e documental, visto que o campo aqui não se aplica. Diante disso, verifica-se que massacres escolares, a partir dos trabalhos que ajudaram a construção do trabalho mostraram que podemos constatar que esses acontecimentos podem ser vistos como formas de rituais de sacrifício, já que se tratam de uma performance de comunicação simbólica.

**Palavras-chave:** Massacres escolares; ritual; sacrifício.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Desenho feito por D.K. em seu diário .....	17
<b>Figura 2</b> - Desenho feito por E.H. em seu diário .....	18
<b>Figura 3</b> - Desenho feito por E.H., da cafeteria da escola, em seu diário.....	19
<b>Figura 4</b> - Desenho feito por Rachel Scott, no dia do massacre, em seu diário .....	21
<b>Figura 5</b> - Quadro usado na tentativa de alertar o local no qual precisavam de ajuda e atendimento médico.....	24
<b>Figura 6</b> - O efeito Columbine.....	38
<b>Figura 7</b> - A influência de Columbine .....	39
<b>Figura 8</b> - Tiroteios em massa nos EUA de 2009-2020 .....	45

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTO .....	2
RESUMO .....	3
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES .....	4
1. INTRODUÇÃO .....	6
2. MASSACRE DE COLUMBINE .....	10
3. “E.H. QUERIA MATAR, E D.K. QUERIA MORRER. ” .....	15
4. BIBLIOGRAFIA E DEBATES .....	41
5. RITUAIS E SACRIFÍCIO .....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59

## 1. INTRODUÇÃO

Em uma das disciplinas, provavelmente antropologia e literatura, que tive com o professor Luiz E., orientador desse trabalho, enquanto nos ajudava em como poderíamos fazer o trabalho final da disciplina nos disse uma das coisas que sempre levei comigo a partir daquele dia.

Ele sugeriu que deveríamos escolher um tema para nosso trabalho que nos movesse, que nos instigasse e fizesse algum tipo de sentido para nós, isso não só contribuiu para aquele trabalho que fiz, mas também me auxiliou com o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso, no qual pensei em deixar de lado de início por acreditar que não era um tema tão relevante assim ou que não fazia sentido para o meu curso.

O que fez retomar minha vontade de me aprofundar no tema foram diversas conversas que fui tendo com meu orientador e leituras que fui fazendo que me ajudaram a enxergar que poderíamos abordar massacres escolares como sendo ritos de sacrifício. Esses casos envolvendo massacres escolares me despertaram interesse há algum tempo e como se tratam de acontecimentos que se utilizam de bastante violência e que não fazem sentido para mim, me geraram uma curiosidade em tentar compreender mais sobre.

Não sei explicar exatamente os motivos que me levaram a ter interesse por casos criminais, mas essa curiosidade já faz parte da minha vida há muitos anos. A criminologia é uma área de grande interesse e curiosidade para mim, imagino que esse seja um dos motivos que me fizeram escolher estudar sobre massacres escolares de forma mais aprofundada para o meu trabalho de conclusão de curso.

Hoje e talvez com esse trabalho, o que me fez estudar sobre massacres escolares e ir em busca cada vez mais de materiais sobre não é mais de meu interesse atualmente e nem objetivo do trabalho, mas com todas minhas leituras pude compreender que assim como traz Freud (2011) o ser humano possui uma parte agressiva, que faz com que veja o próximo como uma forma de satisfazer sua tendência à agressão, assim como de humilhá-lo, causar dor, torturá-lo e matá-lo.

A partir disso, consegui ter uma visão mais ampla do que isso tudo poderia se tratar, de certa forma. Que realmente pessoas acabam escolhendo tomar determinadas atitudes como uma forma de comunicarem algo, aqui não me interessa mais na causa ou

nos motivos que os levaram a isso, o que tenho interesse é no componente simbólico que tudo isso traz.

A antropologia estuda diversos aspectos que fazem parte da vida social dos seres humanos das mais diversas sociedades, quando estamos diante de um acontecimento que não é isolado ou raro, que pelo contrário está em crescimento, os estudos voltados a isso são de grande valor e também fazem sentido para a antropologia já que estamos falando de um fato que ocorre dentro de sociedades. Assim como os rituais.

Muito já se foi discutido sobre o que seria um ritual, inclusive em comparações entre obras. Para dar uma introdução ao tópico COSTA (2013) descreve esse conceito em Richard Schechner e Victor Turner. Em Turner, podemos ver que o significado estava atrelado a manifestações com muitos significados de simbologias, assim como representações podendo estar associadas a cosmogonia, que seria uma busca de compreensão de coisas do universo com base em mitos. Mas também podendo possuir aspectos ligados ao cotidiano de uma sociedade.

Já sobre Schechner, ela explica que sobre o ritual o autor sugere que eles transformam temporariamente ou permanentemente as pessoas. Assim como ele apresenta uma diferenciação entre rituais sagrados e seculares, que já demonstra possibilidade de um olhar diferente sobre os rituais.

Rituais sagrados, seriam aqueles feitos ou pensados sob uma camada religiosa. Já os rituais seculares, que são os que me despertam mais interesse para o desenvolvimento do trabalho, seriam os que estão ligados à política, artes, economia e a vida cotidiana. Porém, é válido ressaltar que existem culturas no qual não existe a separação desses aspectos, de acordo com o texto.

Portanto, pensar em massacres escolares como ritos de sacrifício podem não ser assim uma ideia tão distante, já que podem sim ser algo vindo da vida cotidiana. Esse pensamento surgiu após a leitura de alguns autores como Mauss e Hubert (2005) que abordam sobre como seria importante o estudo de sacrifícios, já que apresentam muito conteúdo social, assim como poderíamos enxergá-los como um fato social, por se tratar de uma forma de agir de alguns indivíduos.

Porém, por se tratar de um texto que atrela esse acontecimento a questões religiosas fui em busca de tentar compreender esse fenômeno de uma forma diferente que



não envolvesse a religião. Tambiah (1979, 1996) foi um autor muito importante para o desenvolvimento do que pensei para o trabalho, já que ele nos apresenta que um ritual seria um sistema de construção cultural de uma comunicação simbólica, ou seja, se trataria de uma forma de comunicação.

A partir disso pude desenvolver mais sobre os massacres escolares podendo ser conceituados como ritos sacrificiais, visto que, quem os comete, passa por uma série de preparações, que vão desde a escolha das vestimentas, até o que querem ou esperam gerar após o ato, pontos que fazem parte dos rituais que muitas vezes lemos ao longo do curso.

Com isso, não pretendo encontrar justificativas para o que foi feito. Assim como disse o diretor do filme *Elefante* na apresentação do filme<sup>1</sup>, que fala sobre um massacre escolar, na ocasião ele disse que eles não queriam explicar o acontecimento, já que cada vez que explicavam uma coisa outros pontos com novas possibilidades de explicação iriam aparecer, e ele finalizou dizendo que acaba podendo ser o caso de tentar encontrar uma explicação para um acontecimento que pode não ter necessariamente uma explicação.

O caso escolhido foi o que aconteceu em 20 de abril de 1999, no Colorado - Estados Unidos, sendo até hoje um dos mais conhecidos quando se tratam desses casos. O massacre de Columbine é um dos que mais tiveram cobertura da mídia e possui desdobramentos que se estendem até os dias atuais, como no caso de um massacre que aconteceu no Brasil em 2019, em uma escola de Suzano - São Paulo. Existem muitas semelhanças em ambos os casos, inclusive provas de que um dos atiradores de Suzano acompanhava e participava de grupos de discussões sobre crimes<sup>2</sup>, assim como queria superar Columbine<sup>3</sup>.

De início, a ideia era a de trazer os dois casos. Porém, quanto mais eu me aprofundava em Columbine, pude perceber que as suas dimensões em comparação com o outro eram maiores. Aqui não estou fazendo referência a número de vítimas, estou me referindo ao material empírico disponível, no qual percebi que não tinha como cobrir os

---

<sup>1</sup> <https://ipla.com.br/conteudos/artigos/e-possivel-antecipar-as-coisas/>

<sup>2</sup> <https://www.metropoles.com/brasil/suzano-autores-do-massacre-participavam-de-forum-virtual-extremista>

<sup>3</sup> <https://eurio.com.br/noticia/5790/massacre-em-escola-americana-teria-inspirado-o-massacre-de-suzano.html>

dois casos de maneira aprofundada da mesma forma e a pesquisa acabou seguindo e se desenvolvendo de uma forma um pouco diferente.

Por se tratar de um caso recente que foi seguido de uma pandemia, o massacre de Suzano não possui tantas informações e detalhes se comparado ao de Columbine. Dessa forma, optei por trazer o caso de Columbine como sendo o mais aprofundado. E que representa mais materiais simbólicos para análise, assim como é o massacre escolar que acabou servindo de inspiração para outros, portanto, ele acaba sendo uma boa escolha quando estamos falando sobre esse tipo de crime.

O trabalho foi pensado em 4 partes, tirando a introdução e considerações finais, a primeira parte trouxe um pouco sobre a vida dos atiradores antes do massacre, trouxe então os diários deles, sobre “missões” que faziam e que estarei explicando melhor ao decorrer do trabalho, assim como outros materiais que achei válidos. Em seguida, trouxe a descrição do massacre, no qual analisei câmeras de segurança, assisti entrevistas de sobreviventes, de amigos(as) e li de diferentes fontes e autores(as) sobre o dia em questão.

A terceira parte foi feita com base na bibliografia e debates sobre o caso, já que não é possível, na minha visão, falar sobre esse caso sem falar sobre o depois dele e o que ele causou e causa no mundo até hoje. E a última parte é a teórica, no qual trouxe autores(as) para relacionar com o caso e trazer um olhar diferente sobre o ocorrido, utilizando de explicações que envolvem rituais e sacrifícios.

Como todas as informações apresentadas são públicas, optei por não mudar o nome das pessoas que estou me referindo. Mas decidi que o nome dos atiradores seria escrito em siglas, existe explicação para isso e estarei trazendo o porquê mais adiante quando trouxer sobre como foi depois que o crime aconteceu.

## 2. MASSACRE DE COLUMBINE

Após 7 anos do caso, a polícia liberou 946 páginas que fizeram parte das investigações<sup>4</sup>, nessas páginas podemos ver mais sobre o que se passava na cabeça dos atiradores. Podemos ler os seus diários, assim como páginas da internet e trabalhos escolares de ambos. Nesses diários, podemos ver que o planejamento do massacre estava presente no dia a dia deles já fazia algum tempo. Essas páginas não são difíceis de serem encontradas pela internet e por conta da letra de ambos ser um pouco difíceis de ler, e em alguns momentos até de difícil compreensão, estarei utilizando a descrição e comentários dessas páginas feitas por Peter Langman (2014, 2019). Mas de qualquer forma olhar para essas páginas dão um outro olhar para o caso.

A primeira data que temos do diário de E.H. é a de 10/04/98 e a última de 03/04/99, com cerca de 20 páginas escritas, mas que chegam a 39 com os desenhos que o mesmo fazia<sup>5</sup>. No diário de D.K., temos cerca de 48 páginas que contam com escritas e outros desenhos<sup>6</sup>, mas sendo cerca de 13 páginas com apenas escritas, a primeira data desse diário é de 31/03/97 e a última escrita tendo pontos de interrogação no local da data, mas que provavelmente foi feita em abril de 1999, dias antes do massacre, já que o mesmo escreve que aquela seria sua última escrita e faz referências ao massacre, em suas palavras: “Last written book [...] NBK<sup>7</sup> will be the ultimate revenge [...] They need to die sooo bad. Now they will.”<sup>8</sup>

Os diários apresentam semelhanças, mas também possuem suas diferenças. Um dos pontos em comum é que em determinados momentos os dois dizem que se consideram como Deus e as pessoas deveriam reconhecer isso, eles se consideravam superiores, como na primeira escrita de E.H.: “well what makes you so different? because I have something only me and V<sup>9</sup> have, SELF AWARENESS...”<sup>10 11</sup>. Seguido de que para ele todo mundo era seguidor de alguma coisa e que pessoas que se diziam diferentes ou se vestiam diferentes estariam copiando algo que tinham visto na televisão.

<sup>4</sup> <http://www.acolumbinesite.com/reports/cr/900columbinedocs.pdf>

<sup>5</sup> <http://www.acolumbinesite.com/eric/writing/journal/jindex.php>

<sup>6</sup> <http://www.acolumbinesite.com/dylan/writing/journal/jindex.php>

<sup>7</sup> Ao longo do trabalho explicarei o significado da sigla

<sup>8</sup> “Último livro escrito [...] NBK será a vingança final [...] Eles precisam muito morrer. Agora eles vão. ”

<sup>9</sup> Essa era uma abreviação para o apelido de D.K., que era VoDkA

<sup>10</sup> “Bem o que te faz tão diferente? ” porque eu tenho algo que só eu e V temos, AUTOCONHECIMENTO”

<sup>11</sup> Estarei escrevendo da mesma forma que consta nos diários de ambos

Temas como armas, bombas e jogos são outros pontos em comum. A sigla NBK, que significa natural born killers<sup>12</sup> também é mencionada pelos dois, essa referência vem de um filme com roteiro de Quentin Tarantino, de 1994 e conta a história de um casal que se unia para matar pessoas, mas sempre deixavam alguém vivo para contar sobre o crime<sup>13</sup>. Os atiradores se inspiravam nos dois e começaram a usar essa sigla para se referirem ao massacre, como um codinome.

Os dois escreviam sobre matar pessoas, vingança e sobre quem merecia ou não sobreviver, também escreveram sobre garotas e que gostariam de ter namoradas. D.K. falava sobre o quanto gostaria de ter alguém para amar e ser amado de volta, em trechos desabafa que não entendia como os zumbis, que provavelmente era uma referência aos atletas, poderiam amar e ele não. Em outro trecho ele diz: “I see jocks having fun, friends, women, LIVEZ<sup>14,15</sup>. E.H. em determinado momento escreveu que tinha problemas com sua autoestima e isso era voltado especialmente em relação a garotas e sua aparência, em outro momento ele diz que gostaria de estar rodeado de mulheres.

D.K. dizia que gostaria muito de ser aceito e amado, escrevia o quanto se sentia triste, sozinho e desamparado, outro fato bastante presente é o de que ele diz que gostaria de morrer e que odiava sua vida, “Oooh god I HATE my life, I want to die really bad right now...”. Já E.H. demonstrava ter muito ódio de tudo e todos, suas escritas eram bem preconceituosas, em suas palavras toda a humanidade deveria ser morta, em determinado ponto ele diz que a culpa de tudo isso era sua, não de seus pais, irmãos, amigos, bandas favoritas, jogos de computador ou mídia.

Em uma página, ele agradece uma de suas bandas favoritas pelo fato de que eles iriam lançar um novo álbum em abril chamado de “adíos”, ele diz que isso seria uma forma de tributo para os dois, esse álbum acabou sendo lançado no mesmo dia do massacre. E.H., também escrevia sobre o nazismo, “... this Nazi report is boosting my love of killing even more”<sup>16</sup>, aqui ele está fazendo referência a um trabalho de escola onde escreveu sobre a cultura nazista<sup>17</sup>.

---

<sup>12</sup> Nascidos para matar

<sup>13</sup> <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-37178/>

<sup>14</sup> Muitas vezes ele colocava a letra Z no final de palavras

<sup>15</sup> “Eu vejo atletas se divertindo, tendo amigos, mulheres e vidas”

<sup>16</sup> “... esse relatório nazista está aumentando meu amor por matar ainda mais”

<sup>17</sup> <https://www.columbine-guide.com/columbine-eric-harris-nazi-essay>

Algumas escritas podem ser consideradas contraditórias, como, por exemplo, quando E.H. fala que existiam cerca de umas 5 pessoas que ele não gostaria de matar e logo em seguida diz que 100 pessoas não deveriam morrer na escola, mas que todo o resto deveria sim morrer, diferente até mesmo das vezes em que ele escreveu sobre o quanto toda a humanidade deveria morrer, caso ele tivesse algum tipo de atrito com alguém da escola e essa pessoa sobrevivesse era de muita sorte, mas não foi muito bem dessa forma que ele agiu no massacre, como estarei relatando mais à frente.

E.H. escreve pouco sobre ser perseguido, mas em um dos momentos que escreve sobre isso diz que essas pessoas iriam pagar por isso e que essa seria uma vingança final, ele também diz que essas pessoas deveriam ter mostrado mais respeito por ele, assim como pedido orientações e conhecimento, queria que o tratassem como um veterano e isso faria com que ele não tivesse tanta raiva dessas pessoas, ele então assume que zoava pessoas que se pareciam com ele, mesmo que sem perceber, pois gostava de descontar o que acontecia com ele.

D.K. fala sobre se sentir oprimido também, para ele, a sociedade fazia muito isso contra ele, mas que logo iria explodir com alguém que teve o nome censurado. Ele também diz que essa seria sua vingança contra a sociedade e que depois disso estaria livre em um lugar que teria felicidade sem tempo ou espaço. Em seguida, podemos ver ele novamente escrevendo sobre os atletas: “I didn’t want to be a jock. I hated the happiness that they have - & I will have something infinitely better... I am GOD... the zombies will pay for their arrogance, hate, fear, abandoned, & distrust”<sup>18</sup>. Em muitos trechos ele revela seu desejo em se matar, dizia que essa seria sua libertação, pois odiava sua vida. Também falava sobre procurar o amor, mas que não conseguia encontrar.

O ponto principal é que tudo sempre esteve presente, todas as provas, planejamento, ódio, tristeza e atitudes que deveriam ter sido mais consideradas pelas autoridades. Assim como fez a mãe de Brooks Brown, amigo de infância de D.K. que também acabou se tornando amigo de E.H., que temendo pela segurança do filho que estava sofrendo ameaças de E.H. foi a polícia e o denunciou após encontrar seu site que continha mensagens de ódio e ameaças. Outro conteúdo encontrado eram sobre “missões”, forma como ele denominou os ataques que fazia contra pessoas que não

---

<sup>18</sup> “Eu não gostaria de ser um atleta. Eu odeio a felicidade que eles têm - & eu terei algo infinitamente melhor... Eu sou DEUS... os zumbis vão pagar por sua arrogância, ódio, medo, abandono & desconfiança”

gostava ou que havia tido algum tipo de conflito. Essas “missões” consistiam em atirar objetos, armar explosivos, arremessar fogos de artifício, pichações, dentre outras ações do tipo contra a casa dessas pessoas.

Dentre as mensagens que ele escrevia no site, tinham desabafos nos quais dizia como gostaria de colocar explosivos pela cidade, massacrar pessoas e de como não se importava se iria sobreviver nesse tiroteio, já que o seu objetivo era de matar e ferir o máximo de pessoas que pudesse. Nesse mesmo período, em que a mãe de Brown foi a polícia com provas do site, E.H. e D.K. foram presos por terem arrombado uma van e roubado equipamentos que estavam nela, a pena que receberam foi a de fazerem atividades comunitárias e terem acompanhamento de terapeutas, eles fizeram tudo tão bem que acabaram sendo liberados mais cedo. O interessante é que a mãe de Brown, pensou que eles estavam cumprindo essas tarefas pela denúncia que tinha feito, mas na época ela nem imaginava que nada daquilo tinha sido levado a diante.

A verdade é que E.H. acabou não sendo investigado corretamente ou sofrendo penalidades por seu site, o policial que recebeu a denúncia chegou a falar com seu pai e o mesmo disse que iria cuidar disso, deixou o filho de castigo e aumentou a vigilância, mas o E.H. chegou a escrever sobre isso e disse que era só mentir e fingir que estava tudo bem mais uma vez e esqueceriam, o que de fato aconteceu. Essas denúncias só foram descobertas depois do massacre por outros policiais e toda a papelada dessas denúncias acabou misteriosamente se perdendo e até hoje ninguém sabe o porquê de não terem investigado.

Mais à frente falarei novamente sobre essas missões feitas e pensadas por E.H., nesses acontecimentos podemos pensá-los como uma forma de preparação para o massacre. Pois, de acordo com escritas de E.H., ele gostaria de explodir toda a cidade e em suas missões usava bombas caseiras e fogos de artifício, em seu site<sup>19</sup> relatava como tinham feito e o que tinha funcionado ou não. Ele não fazia nada disso sozinho, estava sempre acompanhado de D.K. e outro amigo que acabou se afastando dos dois depois de começar a namorar.

Eles começaram a explodir bombas, aparentemente, por diversão e para se vingarem de quem mexia com eles, pois faziam algumas coisas contra as casas dessas pessoas, como disse anteriormente nos relatos que foram encontrados no site de E.H.

---

<sup>19</sup> <http://www.acolumbinesite.com/eric/writing/mission4.txt>

sobre suas missões. Quando conseguiram adquirir suas armas, que falarei mais adiante, também começaram a praticar tiros. O que também podemos pensar que era uma forma de preparação para o que fariam mais adiante.

O relato abaixo é uma reconstituição do dia 20 de abril de 1999, no qual um massacre escolar aconteceu no Colorado, estado dos Estados Unidos. As informações aqui apresentadas estão disponíveis no livro de Dave Cullen (2010), no site do Ph.D. Peter Langman que é voltado para o tema de massacres escolares<sup>20</sup>, de um canal no youtube chamado: Columbine vídeo archives<sup>21</sup> - CVA e outros que estarei utilizando com menor frequência, mas que estarão sendo referenciados conforme aparecerem. Primeiro vamos seguir uma linha do tempo desse caso, seguido de outras informações que trazem mais detalhamento.

---

<sup>20</sup> <https://schoolshooters.info/about-the-site>

<sup>21</sup> <https://www.youtube.com/c/TheCuratorsCorner/videos>

### 3. “E.H. QUERIA MATAR, E D.K. QUERIA MORRER.”

- Andrew Solomon

Mais cedo do que de costume (embora ela não seja capaz de precisar o horário), S.K. viu seu filho saindo de casa, e a última palavra que escutou foi um tchau. Retrospectivamente, ela não pode deixar de pensar na estranheza do momento. Em 2017, ela foi uma das convidadas do TED um talk show onde diversas pessoas são chamadas para falarem sobre algo de suas vidas e experiências, na ocasião ela falou sobre esse momento:

A última vez que ouvi a voz do meu filho foi quando ele estava saindo pela porta da frente a caminho da escola. Ele exclamou uma palavra da escuridão: “tchau”. Era 20 de abril de 1999. No final daquela manhã, na escola secundária de Columbine, meu filho D.K. e seu amigo E.H. mataram 12 estudantes e um professor e feriram mais de 20 pessoas antes de tirarem as próprias vidas. Treze inocentes foram mortos, deixando seus entes queridos em um estado de luto e trauma [...], mas o tamanho dessa tragédia não pode ser medido apenas pelo número de mortes e feridos [...]. Não há como avaliar a magnitude de uma tragédia como a de Columbine, especialmente por ela poder servir de modelo para que outros atiradores cometam tais atrocidades [...].

Câmeras de uma loja de conveniência de um posto de gasolina registraram às 7:56 da manhã, E.H. sozinho comprando tanques de propano, que seriam utilizados por ele mais tarde<sup>22</sup>. No mesmo vídeo podemos ver imagens de câmeras de segurança da cafeteria da escola, vemos trechos dos atiradores entrando no local separadamente, cada um com duas mochilas/malas que continham bombas, podemos ver apenas um deles saindo sem elas, esses registros são de 10:58.

Ninguém lembra de tê-los visto. Não temos imagens dos envolvidos deixando essas mochilas, pois, um zelador substituía a fita dessa câmera por volta de 11:14. De acordo com testemunhas haviam outras 400 mochilas no local. Antes dessas imagens serem analisadas, o FBI acreditava que os atiradores tinham plantado as bombas na noite do baile de formatura, que havia acontecido 3 dias antes do massacre, na ocasião apenas D.K. compareceu com uma amiga, existem boatos que E.H. apesar de ter convidado algumas garotas não conseguiu par para o baile.

---

<sup>22</sup> Essas imagens podem ser vistas em um vídeo do canal CVA, onde existe a cronologia desse dia com algumas imagens <https://www.youtube.com/watch?v=jJWRRcj1178>



Ambos foram para a escola em carros separados e em suas mochilas continham bombas de propano, todas de fabricação caseira. Especula-se que eles as programaram no próprio estacionamento da escola, no carro de um dos envolvidos. As bombas foram planejadas para explodirem às 11:17, ou seja, durante o turno “A” do intervalo, momento em que, teoricamente, o local estaria cheio de estudantes.

Antes, E.H. e D.K.<sup>23</sup> teriam ido até um local que ficava próximo de um corpo de bombeiros e armaram uma pequena bomba de fabricação caseira que estava programada para explodir às 11:14 da manhã. Mais tarde foi descoberto que o objetivo era o de distrair os bombeiros. Porém, mesmo após anos construindo e explodindo bombas, eles não conseguiram fazer com que essa funcionasse como planejado, já que apenas uma parte dela explodiu e o corpo de bombeiros conseguiu apagar rapidamente o pequeno incêndio que causaram.

Depois de plantarem essas bombas na escola, especula-se que eles foram até seus carros, que estavam em estacionamentos diferentes, e trocaram de roupa. Provavelmente eles fizeram isso para não chamarem muita atenção, já que eles estavam de uniforme nas imagens que os mostram entrando separadamente no refeitório. Mas durante o massacre, cada um vestia uma blusa com dizeres diferentes, D.K. tinha em sua blusa: “Wrath” (fúria) e E.H. usava uma escrita: “Natural selection” (seleção natural), mas eles também usavam trajes em comum, como coturnos e sobretudos, assim como dividiam um único par de luvas, que cada um usou em uma mão diferente.

No segundo ano do ensino médio, E.H. começou a mudar seu estilo de vestimenta, passando a usar coturnos, roupas todas pretas, com isso também passou a agir de maneira mais agressiva e temperamental, D.K. passou a seguir o estilo do amigo e começou a se vestir igual, mas de uma maneira menos intensa. Um de seus colegas de classe que não teve o nome revelado disse que a impressão que tinha era de que eles queriam ser diferentes das outras pessoas, como exilados, ele ainda disse: “It wasn’t that they were labeled that way. It’s what they chose to be.”<sup>24</sup> (CULLEN, 2010, p. 147). Esse estilo foi o que os dois seguiram no dia do massacre e a escolha das roupas fez parte do planejamento, exceto a blusa que usavam que tinham mandado fazer para o dia do

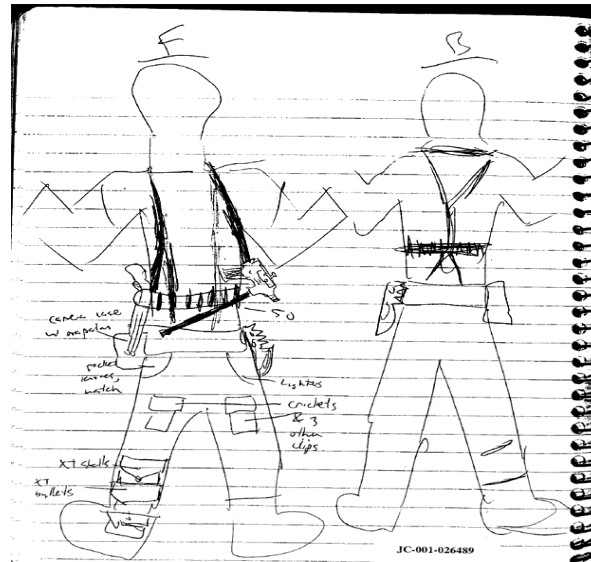
---

<sup>23</sup> Essa é a forma que estarei utilizando para falar sobre os dois envolvidos no massacre

<sup>24</sup> “Não seria como se eles tivessem sido rotulados dessa forma, é o que eles escolheram ser”.

massacre, todo o restante era usado no dia a dia deles. Esse planejamento das vestimentas fica ainda mais evidente nesse desenho feito por D.K. em seu diário:

**Figura 1** - Desenho feito por D.K. em seu diário

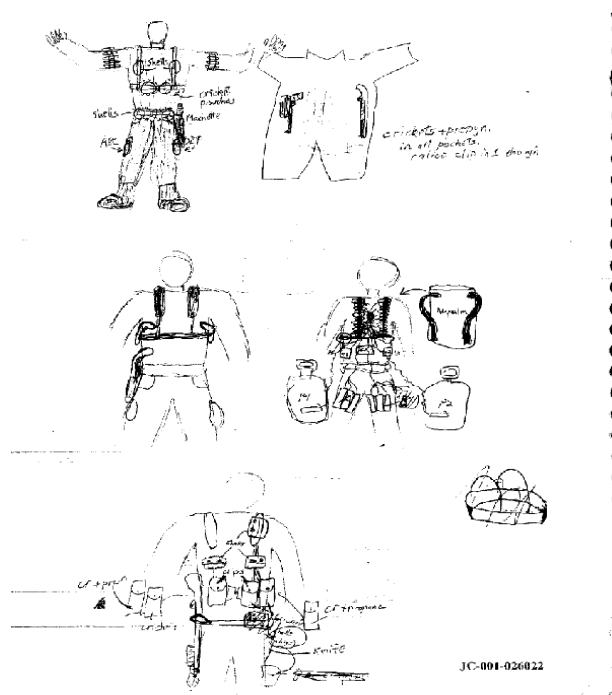


Fonte: A Columbine site<sup>25</sup>

Na imagem acima, podemos ter mais essa prova do quanto tudo estava sendo planejado nos mínimos detalhes, o desenho em questão mostra a parte da frente e de trás. As escritas fazem referência ao que ele pensava em levar, como: canivetes, estojo de câmera, munição de arma de fogo, isqueiros. Assim como ele, E.H. também desenhou trajes semelhantes ao que usaram no massacre. Aqui podemos ver mais sobre o armamento e como ele pensava em distribuir pelo traje:

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.acolumbinesite.com/dylan/writing/journal/journal44.php>. Acesso em: 1 de ago. de 2022

**Figura 2** - Desenho feito por E.H. em seu diário



Fonte: A Columbine site<sup>26</sup>

O dia do julgamento, outro codinome utilizado por ambos para se referirem ao massacre, era para se iniciar com explosões, E.H. desenhou grandes bombas, que aprendeu em um livro chamado *The Anarchist Cookbook*<sup>27</sup>. Oklahoma City<sup>28</sup> era uma inspiração, eles gostariam de poder fazer algo maior que esse atentado, então se programaram para que muitas bombas fossem usadas no dia. O planejamento era de que tudo acontecesse em três atos. O primeiro seria uma série de explosões, cujo objetivo era o de atingirem o máximo de pessoas. Não se sabe com certeza por quanto tempo esses atos foram planejados, mas estima-se que ocorreram por cerca de um ano antes do massacre, período em que E.H. passou a observar seus alvos e os horários em que cada sinal da escola tocava e fosse liberando estudantes para o intervalo, minuto por minuto, foi dessa forma que ele conseguiu chegar nesse horário de 11:17. Além dele observar os horários, também fez desenhos da cafeteria da escola em seu diário, no qual também

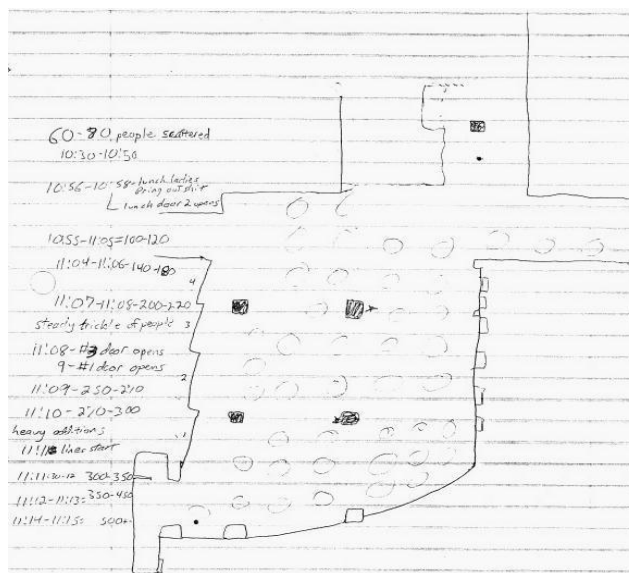
<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.acolumbinesite.com/eric/writing/journal/journal21.php>. Acesso em: 1 de ago. de 2022

<sup>27</sup> Livro de 1971, que contém instrução para a confecção de explosivos, armas, drogas. Foi escrito por William Powell, apesar de ter renunciado a autoria e tentar tirar o livro de circulação ele continua sendo vendido até hoje.

<sup>28</sup> Esse atentado ocorreu em 1995, matando cerca de 168 pessoas e deixando outras 680 feridas. Dois homens estacionaram um caminhão cheio de explosivos em frente ao prédio governamental Alfred P. Murrah, em Oklahoma City, nos EUA. Esse é considerado o ataque mais mortal, até o ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro.

podemos ver alguns números ao lado do desenho, talvez com os horários e quantidade de pessoas que supostamente estariam ali, assim como horário de abertura das portas:

**Figura 3** - Desenho feito por E.H., da cafeteria da escola, em seu diário



Fonte: A Columbine site<sup>29</sup>

Com o segundo ato, o objetivo era o de derrubar o segundo andar da escola e eles estariam esperando cada um em seu carro para que pudessem atirar em todas as pessoas que conseguissem sobreviver dessas explosões. O terceiro ato era esperado para acontecer 45 minutos após o início das explosões, a expectativa era de que nesse momento a escola já estivesse cercada de policiais, equipes de socorro, imprensa, enquanto isso, os dois estariam preparados para atirarem e arremessarem bombas contra essas equipes. Foram encontradas anotações de ambos com timelines sobre o massacre e em algumas anotações ao lado de horários podemos encontrar: “have fun!”<sup>30</sup> e “HA HA HA”<sup>32</sup>.

Porém, as coisas não saíram como o planejado. Um minuto depois do que tinham programado, às 11:18, as bombas não somente não explodiram como nada aconteceu. E.H. percebeu rapidamente que o plano tinha falhado e foi o momento em que teve de improvisar. Em suas anotações e gravações não foi encontrado nada que mostrasse um plano B, eles não imaginaram a possibilidade de que o plano A poderia falhar. Mas como

<sup>29</sup> Disponível em: [http://www.acolumbinesite.com/eric/writing/cafe\\_bag\\_loc.jpg](http://www.acolumbinesite.com/eric/writing/cafe_bag_loc.jpg). Acesso em: 1 de ago. de 2022

<sup>30</sup> “Se divirtam!”

<sup>31</sup> <http://www.acolumbinesite.com/dylan/pics/dylannote.jpg>

<sup>32</sup> <http://www.acolumbinesite.com/dylan/planner.jpg>

eles não demonstraram estar dispostos a desistirem do plano seguiram de forma improvisada.

E.H. se moveu rapidamente e atravessou o estacionamento até onde D.K. estava. A partir desse momento tudo aconteceu muito rápido, às 11:19 os dois pegaram suas armas semiautomáticas e foram em direção a escola. Testemunhas afirmam ter escutado alguém gritando algo como: “GO! GO! ” (VAI! VAI!), que provavelmente se tratava de E.H.<sup>33</sup> e logo em seguida os tiros começaram. Eles atiraram aleatoriamente em pedestres, arremessaram bombas em janelas e pela entrada da escola.

Por se tratar do intervalo, alguns estudantes iam para espaços de convivência fora da escola. Richard Castaldo e Rachel Scott foram comer seus lanches e estavam sentados no gramado da escola, quando E.H. atirou em Scott seguido de Castaldo que foi atingido por 8 tiros, se fingiu de morto e sobreviveu, Scott foi atingida por 4 tiros e foi a primeira vítima do massacre, ambos tinham 17 anos. Antes de ser atingido, Castaldo contou que viu um dos atiradores arremessando uma bomba, mas por ela não ter explodido acreditou que aquilo se tratava de uma brincadeira, por conta dos tiros que o atingiram ele ficou paraplégico. Apesar dos envolvidos terem feito diversas bombas por anos anteriores ao ataque, poucas foram as que de fato explodiram no dia.

Scott, ficou bastante conhecida por sua história de vida e fizeram até um filme biográfico<sup>34</sup> baseado nos diários que ela escrevia, é um filme considerado controverso e até mesmo acusado de ser uma propaganda cristã pelo The Guardian, ela conhecia D.K. e ele até mesmo conseguiu salvar uma apresentação de peça de teatro dela que havia dado problema na parte do som e de última hora D.K. conseguiu arrumar.

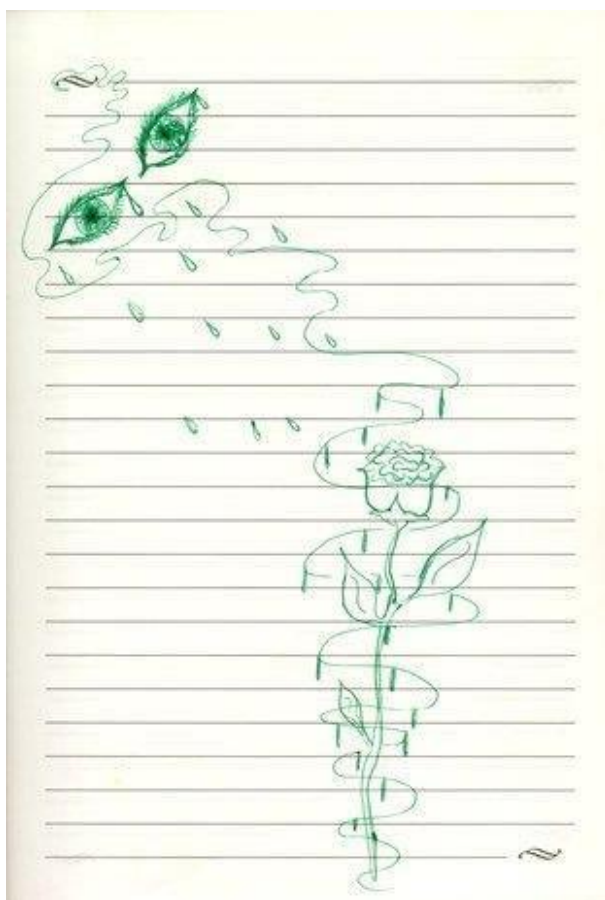
Ainda falando sobre seu diário, dias depois da polícia devolver sua mochila para sua família, após investigações, seu pai encontrou um desenho que a filha havia feito no mesmo dia do massacre, horas antes. No desenho podemos ver dois olhos e treze lágrimas chorando em cima de uma flor que possui o mesmo nome da escola, que foi a que deu nome a ela por ser muito presente na região. Tempo depois 13 pessoas foram mortas no massacre, inclusive ela:

---

<sup>33</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=hN6GMkx6II0&t=4s>

<sup>34</sup> Chamado de: I'm not ashamed, dirigido por Brian Baugh e lançado em 2016.

**Figura 4** - Desenho feito por Rachel Scott, no dia do massacre, em seu diário



Fonte: A Columbine site<sup>35</sup>

E.H. tirou seu sobretudo depois disso e o deixou no gramado, pegou sua arma, mirou para uma das escadas e atirou contra estudantes que estavam ali, que eram: Daniel Rohrbough, Sean Graves e Lance Kirklin. Dos três, Rohrbough morreu instantaneamente e os outros apesar dos ferimentos sobreviveram. Alguns estudantes que estavam na escola e escutaram barulhos de tiro pensaram que fosse algum tipo de brincadeira ou trote feito por estudantes que estavam no último ano da escola, já que era período de final de ano e a formatura já tinha acontecido poucos dias antes.

Os atiradores viram outros 5 estudantes sentados na grama da escola e atiraram contra eles, dois foram atingidos e os outros três conseguiram escapar ilesos. Um dos estudantes que tinha sido atingido estava deitado no chão pedindo por ajuda, quando D.K. disse que o ajudaria e atirou contra seu rosto, mas conseguiu sobreviver. Os dois ainda atiraram mais vezes contra Rohrbough e Graves. Rohrbough, segunda vítima do massacre, tinha 15 anos e era um garoto que gostava de jogos de computador e

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.acolumbinesite.com/victim/rachel.php>. Acesso em: 1 de ago. de 2022.

eletrônicos, teve seu corpo sendo o mais exposto, demorando quase dois dias até que paramédicos o recolhessem. Graves, de 15 anos, apesar de ter ficado paralisado da cintura para baixo, no momento do massacre, conseguiu rastejar até uma das entradas da lanchonete, desmaiou, mas conseguiu sobreviver. Kirklin, de 16 anos, foi quem chamou os outros dois amigos para fumar um cigarro em uma área da escola conhecida como “Smokers Pit” naquele dia e momento, ele ficou gravemente ferido, mas sobreviveu, até hoje possui as marcas pelos tiros que levou em seu rosto.

Após isso, eles se separaram, D.K. foi até a lanchonete, atitude que policiais especulam que foi para ver os motivos das bombas não terem explodido e E.H. continuou atirando em mais estudantes e atingiu Anne-Marie Hochhalter que ficou bastante ferida, mas sobreviveu, ela tinha 17 anos e ficou conhecida como garota milagrosa pelos médicos, por conta dos tiros acabou ficando paraplégica. Logo após, eles se encontraram novamente em um dos corredores da escola.

Um professor e treinador da escola, Dave Sanders, escutou barulhos e suspeitou de que aquilo não se tratava de uma brincadeira, foi então que decidiu verificar o que estava acontecendo, enquanto procurava respostas e encontrava estudantes ia os avisando de que aquilo era sério e pedia para que corressem e se escondessem, ele correu por toda escola e avisou o máximo de pessoas que conseguiu.

Enquanto isso, D.K. e E.H. por uma das janelas atiravam contra pessoas que estavam em um campo de futebol da escola, mas nenhuma dessas pessoas foram atingidas. Uma professora, Patti Nielson, também percebeu que tinha alguma coisa estranha acontecendo, por conta dos barulhos e movimentações, então decidiu verificar junto com outro aluno, Brian Anderson, que até o momento não se conheciam.

Para a professora aquilo se tratava de algum tipo de gravação ou brincadeira que os estudantes estavam fazendo e foi com o intuito de pedir para que parassem. Assim que o viu, Nielson perguntou a Anderson o que estava acontecendo, ele então disse que achava que estavam carregando armas, depois ele relatou que reconheceu os atiradores no momento dos tiros.

Assim que Anderson abriu uma das portas da escola os atiradores atiraram contra eles, fazendo com que os dois caíssem e pedaços de vidros os atingissem, Nielson conseguiu levantar e correu até a biblioteca, onde pediu para que todos que estivessem ali se protegessem debaixo das mesas e ficassem quietos. Dali ela ligou para polícia enquanto

tentava se esconder por detrás do balcão da biblioteca. Anderson não conseguiu acompanhar a professora, pois acabou preso nas portas. Em uma das salas de aula, estudantes faziam prova de química e apesar de todo barulho e movimentação, o professor que estava lá assumiu que seria algum tipo de brincadeira, permaneceu sentado e concentrado na prova.

Neil Gardner que era um dos seguranças designados para a escola recebeu um alerta 11:23 da manhã sobre uma mulher que estava no chão, essa era Scott, e por ser próximo ao estacionamento supôs que ela teria sido atropelada, assim que Gardner saiu do carro recebeu outro chamado pelo seu rádio, esse dizia que havia um atirador na escola. 11:24, E.H. avista o segurança, saca sua arma e atira contra Gardner que atira de volta. Nenhum dos dois consegue atingir o outro. Essa troca de tiros fez com que E.H. e D.K. tirassem sua atenção de Anderson que mesmo ferido aproveitou a oportunidade e conseguiu correr até a biblioteca e se esconder, ele sobreviveu.

Um dos patrulheiros do xerife de Jefferson Country, condado do Colorado, chamado Paul Smoker, que estava nas redondezas resolvendo um outro tipo de problema, também recebeu um chamado sobre uma mulher caída e chegou às 11:23 na escola, enquanto seguia até o local indicado se encontrou com outro xerife, Scott Taborsky e, juntos, dirigiram-se até o local. Ao chegarem, os dois viram estudantes feridos que estavam próximos ao campo de futebol e começaram a resgatá-los. Às 11:26 E.H. e Gardner iniciaram outra troca de tiros, nesse momento Smoker que já estava próximo também atirou de volta, fazendo com que E.H. parasse e voltasse para escola, então Gardner por meio de seu rádio pediu reforços<sup>36</sup>.

Dentro da escola o caos já estava instaurado, muitos estudantes já haviam ligado para diversas pessoas contando o que estava acontecendo, como polícia, familiares e imprensa local. As informações iam chegando confusas para todo mundo, pois nem mesmo quem estava dentro da escola sabia dizer exatamente o que estava acontecendo e também não sabiam informar quantos atiradores estavam envolvidos, o que acabou dificultando a ação da polícia. Mas o que todos esses relatos tinham em comum era de que muitas pessoas estavam correndo e gritando dentro da escola, assim como tinha muito barulho de algo que acreditavam ser bombas e tiros.

---

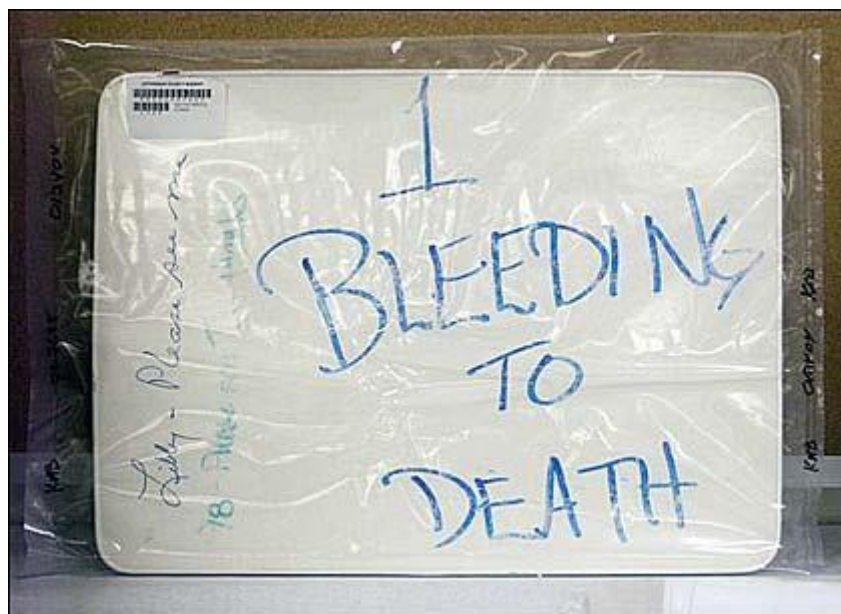
<sup>36</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=5oBvGWgyQAk>



Sanders continuava correndo por toda escola alertando o máximo de estudantes que conseguia<sup>37</sup>. Ele conseguiu tirar muitos alunos que estavam na lanchonete, porém enquanto corria pela escola infelizmente encontrou os atiradores, Sanders estava junto de outro aluno nesse momento. Os dois se viraram e correram na direção oposta, mas Sanders acabou sendo atingido duas vezes, o aluno não foi atingido e correu até um laboratório pedindo para que todo mundo se escondesse.

O professor conseguiu rastejar mesmo ferido até um laboratório, onde se encontrou com outro professor que o levou para outra sala de aula que tinham cerca de 30 estudantes, nesse momento o professor Doug Johnson escreveu em um quadro branco: “1 bleeding to death”<sup>38</sup>, para alertar policiais e ambulâncias o local que eles estavam. Um aluno que tinha conhecimentos de primeiros socorros foi até o local e começou a ajudar o professor, esses primeiros socorros foram feitos por três horas, nesse tempo nenhum atendimento por equipe médica foi feito, assim como não receberam ajuda da polícia.

**Figura 5** - Quadro usado na tentativa de alertar o local no qual precisavam de ajuda e atendimento médico



Fonte: A Columbine site<sup>39</sup>

Nielson tentava entrar em contato com a polícia enquanto pedia para que os alunos se escondessem, essa ligação foi feita às 11:25. Enquanto isso, os atiradores

<sup>37</sup> [https://youtube.com/clip/UgkxbU0mxbeUZmVA85C5G\\_At1N8wD4HOZ7-1](https://youtube.com/clip/UgkxbU0mxbeUZmVA85C5G_At1N8wD4HOZ7-1)

<sup>38</sup> Para se referirem que um estava sangrando até morrer

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.acolumbinesite.com/event/sign.jpg>. Acesso em: 1 de ago. de 2022.

arremessavam bombas pela lanchonete e outra no corredor da biblioteca. Às 11:29, E.H. e D.K, entraram na biblioteca e um deles gritou para que todos se levantassem, esses momentos podemos escutar na ligação que Nielson<sup>40</sup> estava fazendo para a polícia. Havia cerca de 52 estudantes, alguns professores e outros funcionários da escola no local, naquele momento. Mesmo muito nervosa a todo momento ela tentava dar informações para a pessoa que estava com ela na linha e a atendente diz que eles estão recebendo muitas ligações sobre o que estava acontecendo em Columbine.

Em determinado momento, a professora acaba correndo para outro local e deixa o telefone ligado<sup>41</sup>. Apenas um trecho dessa ligação foi vazada e chegou até o público, mas existe a especulação de que toda essa ligação foi preservada e existe até hoje. Na biblioteca aconteceu o pior momento do massacre. Das 56 pessoas que estavam reféns ali, 10 foram mortas e outras 12 foram atingidas. Pelas investigações, os policiais averiguaram que os atiradores tinham munição suficiente para matá-las todas. Os relatos são de que os atiradores ordenaram que todos ficassem de pé, seguido de uma ordem para que todos os atletas se levantassem e disseram que iriam pegar todos os “caras com bonés brancos”, que eram usados por alunos que faziam parte de times da escola, como uma tradição.

Como ninguém se levantou, testemunhas disseram que E.H. respondeu que iria começar a atirar mesmo assim, em seguida atirou duas vezes em uma mesa que tinha um aluno escondido, ele foi atingido por estilhaços de madeira, mas não ficou muito ferido. Depois de caminharem pela biblioteca, D.K. atirou contra um estudante chamado Kyle Velasquez que tinha 16 anos e morreu, ele era tímido e fazia apenas três meses que estava na escola, foi a primeira vítima da biblioteca. Depois disso, ambos carregaram suas armas e foram até as janelas, ali viram que os policiais estavam resgatando alunos, quando E.H. falou para eles matarem alguns policiais, em seguida atiraram na direção deles e assim começou uma troca de tiros, mas ninguém foi atingido.

D.K. voltou a atirar dentro da biblioteca e feriu três alunos, logo após tirou seu sobretudo. E.H. enquanto isso atirou debaixo de uma mesa e mesmo sem estar olhando, acertou e matou um estudante de 14 anos, Steven Curnow, que foi a vítima mais jovem de todo o massacre. Em seguida, o atirador voltou sua atenção para outra mesa que tinham

---

<sup>40</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=yVSW4sVggxc>

<sup>41</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=yjtWsY9IPmo>

computadores e atingiu uma estudante que ficou gravemente ferida, apesar de um tiro ter perfurado uma das artérias do seu pescoço ela conseguiu sobreviver, mas isso fez com que ela ficasse com dificuldade de respirar no momento do massacre. Ouvindo o som da respiração dificultosa, E.H. lhe disse para que parasse de reclamar.

Os atiradores começaram a provocar outros alunos que estavam na biblioteca. E.H. saiu batendo em mesas, se ajoelhou na frente de uma e disse: peekaboo<sup>42</sup>, após isso atirou contra uma aluna de 17 anos, Cassie Bernall, que faleceu instantaneamente. A morte dela teve desdobramentos simbólicos que se realizaram após o massacre. Ela foi considerada um mártir para cristãos, pois testemunhas em seus primeiros relatos disseram que E.H. havia perguntado se ela acreditava em Deus e ela teria dito que sim.

Isso gerou músicas em sua homenagem e sua mãe ainda escreveu um livro sobre a filha com o título de: *“She said yes: the unlikely martyrdom of Cassie Bernall”*<sup>43</sup>. Mas essa história acabou sendo desmentida depois de mais investigações e relatos de sobreviventes, de fato, algo parecido ocorreu, o que estarei relatando mais à frente.

E.H. perguntou para outro aluno se ele gostaria de morrer o que o fez implorar por sua vida. Nesse momento, D.K. observou que Patrick Ireland que já tinham sido atingido tentava ajudar a outro também ferido. D.K. então deu dois outros tiros em Ireland, que atingiram sua cabeça, mas mesmo assim sobreviveu. O atirador foi até outra fileira onde tinham três amigos escondidos, inclusive o irmão da primeira vítima, Scott. Todos eles eram atletas populares. D.K. puxou um dos alunos que estavam ali e chamou E.H. e se referiu a esse aluno com falas racistas, dizendo algo como: “tem um neguinho aqui”, esse era Isaiah Shoels. Depois de muitos comentários racistas, E.H. o atingiu no peito e o matou instantaneamente. Shoels tinha 18 anos e estava prestes a ser um dos poucos afro americanos a se formar em Columbine, ele queria ser comediante. D.K. se ajoelhou em seguida e matou Matthew Kechter de 16 anos, ele era considerado um ótimo aluno e tirava boas notas.

Enquanto isso, o irmão de Scott que estava junto dos amigos que tinham acabado de serem mortos se deitou no sangue dos amigos e se fingiu de morto. E.H. gritou perguntando quem seria a próxima pessoa que estava pronta para morrer, arremessou mais uma bomba e provocou mais estudantes. A história que contei mais acima sobre Bernall

---

<sup>42</sup> Seria o “achou” da nossa brincadeira de esconde-esconde

<sup>43</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cassie\\_Bernall](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cassie_Bernall)

que teria dito que acreditava em Deus quando perguntada, na verdade, ocorreu de forma semelhante só que com D.K. e outra estudante, Valeen Schnurr, que em um momento de desespero após ter sido atingida gritou coisas como: “meu Deus, meu Deus”, o que fez o atirador perguntar se ela acreditava em Deus e ela disse que sim, ele então a perguntou “por quê? ” e foi para outra direção, ela sobreviveu. Até hoje pessoas acreditam que Bernall foi quem disse sim, mas na verdade, uma testemunha que estava próxima a ela disse que ela estava rezando e não respondeu as provocações dos atiradores. Pouco antes desse diálogo, D.K. atirou contra Lauren Townsed enquanto estava em cima de uma mesa. Ela não sobreviveu, tinha 18 anos e era capitã do time de vôlei da escola.

E.H. continuou caminhando pela biblioteca e atirou em Kelly Fleming, que acabou falecendo, ela tinha 16 anos e fazia 18 meses que havia se mudado para o local. Por volta de 11:34, D.K. encontrou um conhecido escondido próximo a ele que se identificou por acreditar que eles estavam apenas atrás dos atletas, como ele não era um, logo disse seu nome: John Savage. Ele então perguntou para D.K. o que eles estavam fazendo e o mesmo respondeu: “Oh, just killing people.”<sup>44</sup> Savage perguntou se eles iriam matá-lo. D.K. hesitou e o mandou ir embora. Às 11:35 a última vítima do massacre morreu, Corey DePooter, tinha 17 anos e queria se tornar um fuzileiro naval. Algumas pessoas disseram que em uma conversa os atiradores falaram que não estavam mais sentindo adrenalina em atirar nas pessoas e chegaram a falar sobre começarem a esfaquear pessoas.

Após ter sido ferido, Evan Todd, com alguns estilhaços de madeira estava escondido atrás de um dos balcões administrativos. E.H. e D.K., então começaram a zombar dele, que estava usando um boné branco, o que fez com que D.K. o perguntasse se ele era atleta e o mesmo respondeu que não, fazendo com que D.K. respondesse: "Well, that's good. We don't like jocks"<sup>45</sup> e mandou que ele mostrasse o rosto, Todd levantou apenas uma parte do boné, deixando com que parte de seu rosto ficasse escondido. D.K. pede para que ele lhe desse alguma razão para que o deixasse vivo, ele respondeu que não gostaria de problemas. Fazendo com que o atirador respondesse que ele nem sabia o que era um problema. Todd tentou consertar sua resposta dizendo: "That's not what I meant! I mean, I don't have a problem with you guys. I never will and I never did."<sup>46</sup> D.K. então disse que o deixaria vivo, mas que E.H. poderia o matar caso quisesse. E ele não quis,

---

<sup>44</sup> “Apenas matando pessoas”

<sup>45</sup> “Bem, isso é bom. Nós não gostamos de atletas”

<sup>46</sup> “Não foi o que eu quis dizer. Quer dizer, eu não tenho problemas com vocês. Nunca tive e nunca terei”

pois Todd sobreviveu ao massacre. Durante o massacre, E.H. segurava a arma só com uma mão. O seu coice quebrou-lhe o nariz em algum momento. Testemunhas disseram que ele parecia estar desnorteado e com muito sangue no rosto.

O horário que os atiradores deixaram a biblioteca foi às 11:36, o que fez com que os reféns começassem a fugir do local. Cautelosamente, as pessoas começaram a sair por uma porta que os levava até uma das calçadas da escola. Da biblioteca, os atiradores passaram por alguns lugares da escola, como salas e banheiros, jogaram algumas bombas, ameaçaram pessoas e deram mais alguns tiros. Depois disso foram para lanchonete, onde tentaram fazer com que outras bombas explodissem, essas imagens conseguimos ver nas câmeras de segurança da escola<sup>47</sup>, quando E.H. ainda pega um copo que tinha alguma bebida e bebe. Às 11:46 jogaram um coquetel molotov que explodiu e detonou parcialmente uma bomba de propano, fazendo com que um incêndio começasse no local, mas que foi apagado por dispositivos automáticos de extintores de incêndios.

Quando deixaram a lanchonete saíram atirando por toda escola, às 12:02 os dois voltaram para a biblioteca, que não tinha mais ninguém, além das pessoas que eles tinham matado, ferido gravemente ou que estavam em algumas salas mais reservadas no local. Atiraram mais vezes contra a polícia e às 12:08, a professora Nielson que estava trancada em uma sala com outras pessoas escutou E.H. e D.K. gritarem ao mesmo tempo: Um, dois, três, e logo em seguida barulhos de tiros. Naquele momento os dois atiradores cometeram suicídio e davam fim ao terror dentro de Columbine. Um terror que pode ter cessado naquele momento dentro da escola, mas que infelizmente se propaga até hoje pelo mundo.

Nas anotações encontradas, não se tem informação se os dois planejavam se matar após o massacre, mas em seu diário E.H. relata que sabia que poderia levar um tiro de algum policial depois de matar apenas uma pessoa, mas para ele essa tinha sido sua escolha e diz que a culpa era dele. Já, D.K. escreveu em muitos momentos que gostaria de morrer e pensava em suicídio, em alguns momentos, ele dizia que o fim estaria próximo e que ele estaria livre, o que leva a entender que talvez sua intenção fosse a de se matar logo em seguida mesmo. Testemunhas dizem que E.H. teria dito em algum momento do massacre que aquele seria o dia em que o mundo iria acabar.

---

<sup>47</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=t6ywBBrwt9A&t=6560s>

Equipes da SWAT entraram na escola apenas às 13:09, onde começaram a resgatar estudantes, professores e outros funcionários. Às 15 horas o professor Sanders morreu por conta de seus ferimentos e sem receber assistência médica, ele tinha 47 anos e era considerado um amigo por muitos estudantes. Sobreviventes disseram que só conseguiram estar vivos por conta de sua ajuda. 15:30 policiais encontraram os corpos na biblioteca e resgataram alguns reféns que até o momento estavam trancados em algumas salas de descanso que tinham no local.

Às 16 horas o xerife estimava que 25 pessoas tinham sido mortas, eles ainda procuravam pelos atiradores. Às 16:30, declararam a escola como segura, 17:30 mais policiais foram chamados por terem encontrado bombas pelo telhado e estacionamento da escola. 18:15 encontraram outras bombas que os atiradores tinham deixado no carro de D.K., então o xerife marcou a escola inteira como uma cena de crime. Todos os corpos ainda estavam na escola.

Equipes da SWAT fizeram buscas pela escola por mais de três horas, mas não sabiam que os atiradores já estavam mortos fazia algum tempo, eles tinham cometido suicídio cerca de 49 minutos depois do início do massacre. E.H. infligiu a si mesmo com um tiro na boca que o fez morrer na hora, D.K. atirou contra sua cabeça e não morreu instantaneamente, acabou agonizando em seu próprio sangue por alguns minutos até sua morte. A todo momento as pessoas que estavam dentro da escola, no momento do massacre, e que conseguiam contato com a polícia escutava que eles estavam chegando e recebiam ordens para que não saíssem de onde estavam, mas essa ajuda da polícia demorou muito para chegar. Assim como os corpos demoraram muito para serem retirados, pois de acordo com a polícia eles precisavam identificá-los e poderiam conter algum tipo de armadilha, mas deixaram com que o corpo de uma das vítimas ficasse na calçada por cerca de 24 horas, mesmo na neve.

Após o massacre, uma comissão que foi feita pelo governador do Colorado na época, afirmou que muitas vidas poderiam ter sido salvas se a polícia tivesse agido e perseguido imediatamente os atiradores, um documento chamado de Columbine Review Commission<sup>48</sup> também afirmou que o massacre poderia ter sido evitado se autoridades

---

<sup>48</sup> <https://schoolshooters.info/sites/default/files/Columbine%20-%20Governor's%20Commission%20Report.pdf>

tivessem feito algo quando descobriram sobre o site de E.H., assim como alguns diários e trabalhos escolares que envolviam temas violentos.

A comissão fez uma crítica à polícia local por não ter feito buscas na casa de E.H. e disse que se um mandato de busca tivesse sido emitido, provavelmente esse crime não teria acontecido. Eles também condenaram a forma como a polícia agiu durante o ataque, já que de acordo com as investigações, a polícia teve meta como conter a violência e não ações para deter os atiradores<sup>49</sup>.

A imprensa levou 28 minutos para descobrir que algo de errado estava acontecendo na escola, isso se deu pelos próprios alunos(as) que depois de tanto ligarem para a polícia pelo 911 e não receberem socorro, começaram a ligar para os canais de TV locais em uma busca desesperada por amparo. Espectadores, jornalistas e familiares começaram a chegar na escola muito mais rápido do que a polícia.

Repórteres que iam recebendo ligações tentavam encontrar respostas dessas pessoas que diziam estar dentro da escola, uma das perguntas era se estavam atirando em pessoas específicas e a resposta foi a de que estavam apenas atirando, não se importavam em quem, que estavam jogando granadas e explodindo coisas.

Muitas informações estavam chegando ao mesmo tempo e os canais não se importavam em confirmar o que ia chegando antes de divulgarem, mas uma das informações que iam chegando e que era correta, de certa forma, era que os atiradores usavam sobretudo. Digo que de certa forma, pois apenas D.K. usou seu sobretudo durante o massacre, E.H. tirou o seu antes de entrar na escola. Essa informação chegou até os ouvidos de um dos amigos dos atiradores e ficou nervoso com isso, pois sabia que além dos seus amigos usarem sobretudos, eles gostavam de bombas e armas, assim como tinha sentido a falta deles mais cedo nas aulas.

Sua atitude foi a de ligar para a casa de D.K. e perguntar para seu pai se ele estava em casa, esse momento foi relatado no livro: *O acerto de contas de uma mãe*, publicado em 15 de fevereiro de 2016 pela mãe do atirador, a mesma que falei no início, S.K.: ““Não quero alarmá-lo”, ele disse a T.K. Mas conheço todos os alunos que usam sobretudo preto, e os únicos que não consigo encontrar são D.K. e E.H. Eles também não foram ao boliche hoje de manhã. ” (KLEBOLD, 2016, p. 24). Esse diálogo nos leva a uma outra informação

---

<sup>49</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u1562.shtml>

falsa que foi amplamente divulgada, a mídia começou a falar que os dois envolvidos faziam parte de um grupo que se intitulava de *Trench Coat Mafia - TCM*, que era basicamente um grupo de estudantes que se vestiam de preto e usavam sobretudos, os atiradores apesar de usarem roupas semelhantes e até mesmo de conhecerem integrantes do grupo não faziam parte dele, um dos fundadores do grupo chegou a dar entrevistas e falou sobre o quanto os atletas e a TCM tinham problemas e viviam em conflitos, mas nega que sabiam do ataque que os atiradores estavam planejando<sup>50</sup>.

Em um texto de Alicia C. Shepard [s.d.] ela cita que as emissoras de televisão de Denver entraram em modo de emergência para manter telespectadores informados(as) sobre uma história que prendeu rapidamente não somente Denver, mas todos os Estados. Como tudo aconteceu muito rápido, ninguém, incluindo a polícia, sabia exatamente o que estava acontecendo dentro da escola, muitas informações que iam chegando eram compartilhadas sem nem mesmo a confirmação de serem verdadeiras ou não. Essa pressa por notícias foi fazendo com que as emissoras tomassem atitudes como colocar ligações ao vivo com possíveis estudantes que estavam dentro da escola no momento do massacre, o que foi desmentido depois e provado que se tratava de trote.

Além disso, a mídia também divulgou uma foto e nome de um aluno e o apontaram como sendo um dos atiradores, porém, se tratava de outra informação não verificada e que precisou ser amplamente retratada, já que se tratava de uma pessoa que não tinha ligação alguma com o ocorrido, eles tiveram de pedir desculpas, mas pela grande quantidade de pessoas que estavam acompanhando o caso, essa foto e o nome já tinha circulado bastante.

Em um relato, um homem que trabalhou no caso disse que todas as decisões eram tomadas pensando em: questões de segurança, sensibilidade pelas famílias e informar o público. Quando imagens e sons foram captados, o questionamento feito era se esses conteúdos iam de acordo com os valores da comunidade. E para ele, não havia a expectativa, na maioria das estações de Denver, em ver corpos mortos no ar.

Porém, como se tratou de caso com ampla cobertura da mídia, não é difícil encontrar todas essas imagens, sons e corpos mortos daquele dia na internet. Enquanto tudo acontecia, existiam emissoras transmitindo tudo ao vivo, não somente por terra, também usaram helicópteros para transmitir do alto para quem quisesse ver. Muitos

---

<sup>50</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4VmqX2EE4dA>



jovens que conseguiam sair da escola eram entrevistados(as) ali mesmo e naquele momento, sem muito tempo de raciocinarem sobre o que tinham acabado de viver e escapar. Imagens essas que também são facilmente encontradas na internet. Uma estudante chamada Jenine assim que saiu da escola e teve câmeras e microfones colocados em seu rosto disse que eles começaram a atirar nas pessoas e que estavam apenas atirando, sem se importarem em quem.

Todavia, há relatos de sobreviventes que afirmam que os atiradores os pouparam. Um exemplo disso é o caso de Brooks Brown, que era amigo de um dos atiradores, mas que tinha atrito com o outro, quando se encontrou com o que tinha atrito ainda fora da escola antes do massacre, questionou o motivo que o fez faltar em um dia tão importante como aquele, pois mais cedo tinha tido uma prova. E E.H. o respondeu: "*Brooks, I like you now. Get out of here. Go home*"<sup>51</sup> e ele obedeceu, deu as costas e foi correndo para casa. Por conta de sua atitude e amizade com os envolvidos, Brown foi considerado suspeito e teve sua casa investigada pela polícia. Muitos acreditam que ele sabia do que estava para acontecer, ele nega, mas afirma que existiam conversas sobre o assunto entre eles, porém não podia imaginar que iriam de fato fazer o que fizeram.

Em uma matéria do canal NBC no dia seguinte ao massacre<sup>52</sup>, podemos ver que estavam em busca de muitas respostas ainda, no momento da gravação equipes de investigação ainda estavam trabalhando para investigar a identidade dos corpos. Um dos pontos interessantes é que novamente a TCM é mencionada e dá a entender que os atiradores realmente faziam parte do grupo, também falam sobre os jogos violentos que eles gostavam e do filme *Natural born killers*, que na reportagem é dito que assistiam repetidas vezes.

O repórter pergunta pontos interessantes ao Brown, amigo de infância de D.K., como, por exemplo, se eles falavam sobre odiar atletas ou pessoas negras e ele responde que todo mundo da escola falava sobre odiarem grupos, mas que "always did jokingly"<sup>53</sup>. De acordo com ele, todas as pessoas da escola faziam isso, o que dá a entender que seriam todos os grupos contra todos os outros grupos, como todos contra todos, mesmo que de "brincadeira". Ele ainda diz que os atiradores não eram racistas e que não estavam em

---

<sup>51</sup> "Brooks, eu gosto de você agora. Saia daqui. Vá para casa" (tradução livre).

<sup>52</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=7-SieTwgSS8>

<sup>53</sup> "Sempre faziam de brincadeira"

busca dessas pessoas para matar, eles apenas odiavam todo mundo. Na sua opinião, seu amigo D.K. era um seguidor e acabou sendo levado pelas ideias de E.H.

Na mesma matéria<sup>54</sup>, o NBC explica o motivo dos corpos das vítimas terem ficado mais de um dia sem serem removidos. As autoridades informaram que ficaram com medo de retirar os corpos, pois haviam encontrado explosivos pelos arredores da escola e o receio era de que a escola explodisse, mas informam que naquela tarde tudo estava limpo e os corpos estavam sendo liberados e identificados. A informação passada foi a de que encontraram cerca de 30 explosivos, incluindo nas casas, escola e alguns carros. A matéria traz que colegas de um dos estudantes mortos teriam dito que os atiradores estavam marcando negros e atletas, o pai de Shoels diz que seu filho foi morto por ser negro e atleta, finaliza dizendo que isso não era razão para ele ter morrido. Conforme iam contando quantas pessoas haviam sido mortas, fizeram a descoberta de encontrar os corpos dos atiradores próximo ao das vítimas. S.K., em seu livro traz que:

Enquanto cada mãe em Littleton estava rezando para que seu filho estivesse a salvo, eu tinha de rezar para que o meu morresse antes de machucar mais alguém. Eu pensei que, se aquilo estivesse realmente acontecendo e D.K. sobrevivesse, ele iria parar no sistema de justiça criminal e seria executado, e eu não aguentaria perde-lo duas vezes. Fiz a oração mais difícil da minha vida, para que ele se matasse, porque então pelo menos eu saberia que ele queria morrer e não ficaria com todas as perguntas que teria se ele fosse abatido por uma bala da polícia. Talvez eu estivesse certa, mas passei muitas horas me arrependendo dessa oração: eu pedi que meu filho se matasse, e ele se matou. (KLEBOLD, 2016, p. 14-15).

Uma matéria da época pela Folha de São Paulo<sup>55</sup> afirmou que os atiradores planejavam matar 500 estudantes e se conseguissem sobreviver, sequestrariam um avião e jogariam ele contra Nova York, de acordo com a polícia. Na época, a polícia estava procurando por uma terceira pessoa envolvida, chegaram a investigar a garota que foi ao baile com D.K., Robyn Anderson, pois ela comprou duas das armas utilizadas no massacre, mas acabou não sendo presa por a desconsiderarem como suspeita. Para o porta-voz da polícia, Steve Davis, pelo menos mais três pessoas teriam consciência do crime, mas ninguém foi preso. Na época, a hipótese eram que os envolvidos estavam em busca de vingança de quem os ridicularizava. A polícia ainda chegou a esvaziar 17 escolas

---

<sup>54</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=8tSh7Ro-nhs>

<sup>55</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft27049906.htm>

públicas em Washington, capital dos Estados Unidos, após denúncias de que teriam bombas em uma delas, apesar de não terem encontrado nada, milhares de estudantes acabaram ficando sem aulas para que as escolas pudessem ser revistas. A matéria termina dizendo que os estudantes de Columbine iriam retornar suas aulas em uma outra escola, Chatfield, em uma quinta-feira.

Treze meses antes do massacre dois xerifes descobriram evidências substanciais de que E.H. estava construindo bombas caseiras, porém essa investigação não foi a diante, assim como a do site. Todos esses arquivos desaparecem. Conforme ia investigando, o FBI chegou aos amigos dos atiradores e depois de muito interrogatório um desses amigos confessou que sabia que os amigos faziam o uso de armas por diversão, falou também que já havia ido com eles a um local que chamavam de Rampart Rage. Isso fez com que chegassem até a pessoa que os vendeu uma das armas utilizadas no massacre, uma TEC-9, não que eu entenda muito de armas, mas que de acordo com o Wikipédia: “eram uma linha de pistolas semiautomáticas operadas por blowback. Elas foram desenvolvidas pela Intratec, uma subsidiária americana da fabricante sueca de armas de fogo Interdynamic AB.” Essa arma parou de ser fabricada por conta de proibições, alguns desses fatores foram pela má reputação por estarem associadas ao crime organizado, gangues de rua e não posso deixar de mencionar: tiroteios em massa. Como é o caso do massacre de Columbine.

No massacre, E.H. carregava consigo uma espingarda Savage-Springfield 67H de calibre 12 e uma carabina Hi-Point 995 de 9 mm. D.K. utilizou uma TEC-9, que mencionei anteriormente, assim como uma espingarda serrada com cano duplo Stevens 311D de calibre 12. Com as informações que conseguiram por meio da internet, os dois conseguiram construir cerca de 99 explosivos, assim como conseguiram alterar suas espingardas fazendo com que ficassem mais fáceis de ocultar.

Após a polícia encontrar a pessoa que vendeu as armas para os atiradores, conseguiram descobrir a origem das outras armas que os envolvidos tinham. A pessoa que lhes vendeu a TEC-9, afirmou que os conheceu em um evento chamado Tanner Gun Show, no qual eles comprariam outras três armas. De acordo com a página do facebook do evento eles são o primeiro show de armas de “The rocky Mountain region’s” e acontece desde 1964. Eles informam ainda que possuem a maior seleção e preços de itens que vão de armas, facas, munições, coldres, equipamentos militares. Oferecem também aulas, estoques de armas, que dizem ser o maior no Colorado. O evento custa uma taxa

de admissão diária de 15 dólares por 3 dias de evento, tendo entrada gratuita para crianças com até 12 anos de idade. O evento acontece até os dias atuais.

Os atiradores não foram sozinhos nesse evento, eles estavam acompanhados de Anderson, que foi a responsável por comprar as armas usadas no crime, como disse acima. Ela era a única maior de idade na época e precisou apenas apresentar sua carteira de motorista válida no Colorado<sup>56</sup>. Apesar de não ter sido acusada pela polícia, muito especula-se sobre o seu conhecimento do planejamento do massacre. Uma amiga que estava com Anderson no dia do massacre, disse que as duas saíram apressadas da escola minutos antes de tudo acontecer e voltaram logo depois. Em uma entrevista dada para o *Good Morning America*<sup>57</sup>, Anderson disse que não recebeu nenhum alerta para sair da escola. Ela afirmou que era comum que saíssem apressadas para o intervalo, já que ele durava apenas 40 minutos. Enquanto tudo acontecia, ela e essa amiga voltaram para a escola e ficaram presas por duas horas e meia no carro de Anderson, no estacionamento da escola. Fazendo com que elas não estivessem dentro da escola no momento do massacre. Anderson diz que isso foi apenas uma coincidência.

A polícia foi criticada não somente pelo dia em questão, pela demora em agir na escola e dentre outras questões que envolvem ações policiais, mas também por ter sido omissa quando viram o conteúdo do site. No documento que mencionei anteriormente sugere que se tivessem um mandato de busca na casa E.H. provavelmente teriam encontrado não somente o diário, como bombas, armas, gravações que ele fazia com os amigos onde usavam armas, faziam algumas gravações como uma que fingiam ser matadores de aluguel para pessoas que sofriam bullying na escola e dentre outras, também teriam chegado até o outro envolvido que frequentemente era mencionado, assim como nos seus outros amigos que participavam das missões e das gravações.

Podemos perceber que a ação dos atiradores ao longo do massacre foi diferente da forma como os mesmos escreveram que seria. A maioria dos tiros que eles deram não foi contra os alvos descritos nos diários como os atletas, por exemplo. Eles tiveram a oportunidade de atingir um deles, mas os dois decidiram não atirar contra ele. E essa atitude eles tomaram outras vezes enquanto andavam pela escola, viam estudantes e não atiravam contra eles, apenas os provocavam e arremessavam bombas. Especula-se que

---

<sup>56</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=v7gXgboDjHc&t=1s>

<sup>57</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4N66z7OFldc>

um dos motivos para essas atitudes de ambos foi para que essas pessoas se lembrassem de quem teria os deixados vivos, para que essa lembrança sempre estivesse presente, e que contassem para as outras pessoas o que tinham vivido, assim como no filme NBK, que eles tanto gostavam.

Quanto mais pessoas vissem o que aconteceu e contassem para outras pessoas, mais os dois seriam lembrados, apesar de eles não terem planejado dessa forma, um dos objetivos era de que o mundo conhecesse o que eles fizeram, que escrevessem livros sobre eles, que filmes fossem feitos. E eles conseguiram exatamente o que queriam nesse ponto, já que esse massacre escolar foi o que mais marcou e até hoje é o mais comentado quando se trata desses crimes.

Há outras incongruências entre o que escreviam e a forma como agiram no massacre. Os dois falavam sobre como se sentiam superiores e que as demais pessoas deveriam segui-los, assim como chegaram a escrever em muitos momentos que se sentiam como Deus. Talvez porque eles escolheriam quem iria ou não sobreviver e se enxergavam como superiores. Porém, ao mesmo tempo, também diziam como se sentiam menosprezados, sozinhos e como gostariam de ter garotas, como os atletas. Até mesmo Brown, disse em uma entrevista<sup>58</sup>: “[...] the entire school they were the two uncoolest kids, so they were losers of the losers”<sup>59</sup>. No mesmo vídeo, ele fala um pouco sobre como funcionava a hierarquia da escola, no qual os jogadores de futebol e lutadores estavam no topo, assim como garotas, por causa de sua aparência, dinheiro, por suas notas ou por se darem bem com professores.

Brown, conta que todos os dias de D.K. e E.H. eram difíceis já que passavam por situações complicadas. Uma garota que não teve o nome revelado na entrevista, conta que uma vez foi jogada contra um armário, por um jogador do time de futebol, por estar conversando com D.K. Brown provavelmente referia-se a situações semelhantes ao afirmar que os atiradores passavam por situações complicadas. Todos acabavam rindo da situação, por ser a única coisa que poderiam fazer. Brown finaliza dizendo que atirar em pessoas de Columbine parece mais fácil do que aceitar que essas coisas acontecem na escola e essa seria a melhor lição de se aprender com Columbine.

---

<sup>58</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=rpav5AuQM60>

<sup>59</sup> “[...] em toda escola, eles eram as crianças menos legais, então, eles eram os perdedores dos perdedores.”

Um memorial foi criado em um espaço da escola, que foi aberto ao público em 21 de setembro de 2007. De acordo com o site do memorial<sup>60</sup>, ele foi projetado para ser um local de reflexão, conforto e paz, para todas as pessoas que foram tocadas pelo o que aconteceu em 20 de abril de 1999, assim como aqueles que foram feridos(as) e tiveram suas vidas tiradas naquele dia. Eles ainda dizem que para preservar a integridade do local e garantir respeito ao memorial, itens grandes ou que forem considerados inadequados seriam removidos a critério do conselho da administração de diretores. Todavia pequenas homenagens seriam permitidas.

Greg Zanis foi responsável por construir 15 cruzes de madeira e colocar em um parque que ficava do outro lado da rua da escola, chamado de Clement Park. Zanis era carpinteiro e ficou conhecido como o homem da cruz, passou 23 anos de sua vida construindo cruzes para vítimas de massacres nos Estados Unidos<sup>61</sup>. Além das vítimas do massacre, ele também construiu uma cruz para cada atirador. O que gerou brigas, já que pais e mães que perderam seus filhos(as) não acharam correto que os assassinos tivessem o mesmo tipo de homenagem que as vítimas, visitantes tiveram opiniões divergentes sobre.

Zanis, para diferenciar as cruzes dos atiradores e das vítimas, optou por escrever os nomes com caligrafias diferentes. Algumas pessoas colocaram sacos sobre as cruzes dos atiradores, já outros escreveram nelas<sup>62</sup>, como na de D.K., coisas como<sup>63</sup>: “I’m sorry we failed you. May God have mercy on your soul”; “Shame on you, D.K.!”; “Jesus will forgive”; e “Why?”<sup>64</sup>. Já na de E.H. escreveram<sup>65</sup>: “How can we ever forgive you?”<sup>66</sup>. A polícia precisou remover as cruzes dos dois atiradores. Depois, foram transferir as 15 cruzes para outro parque, com o objetivo de tornar um memorial permanente, como já dito. Por conta de toda repercussão, decidiu-se por remover as cruzes dos atiradores.

O crime gerou uma série de copycats, termo utilizado para designar pessoas que copiaram o modus operandi, ou seja, a maneira de agir de outra pessoa que já cometeu

<sup>60</sup> <https://www.columbinememorial.org/>

<sup>61</sup> <https://www.denverpost.com/2020/05/04/greg-zanis-died-cancer-columbine/#:~:text=Greg%20Zanis%2C%20known%20to%20many,was%20a%20giant%20among%20men.>

<sup>62</sup> <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/juvmurders/stories/memorial03.htm>

<sup>63</sup> <http://www.acolumbinesite.com/dylan/cross.php>

<sup>64</sup> “Sinto muito por termos falhado com você. Que Deus tenha misericórdia de sua alma”; “ Que vergonha, D.K.!”; “Jesus vai perdoar”; “ Por que? ”

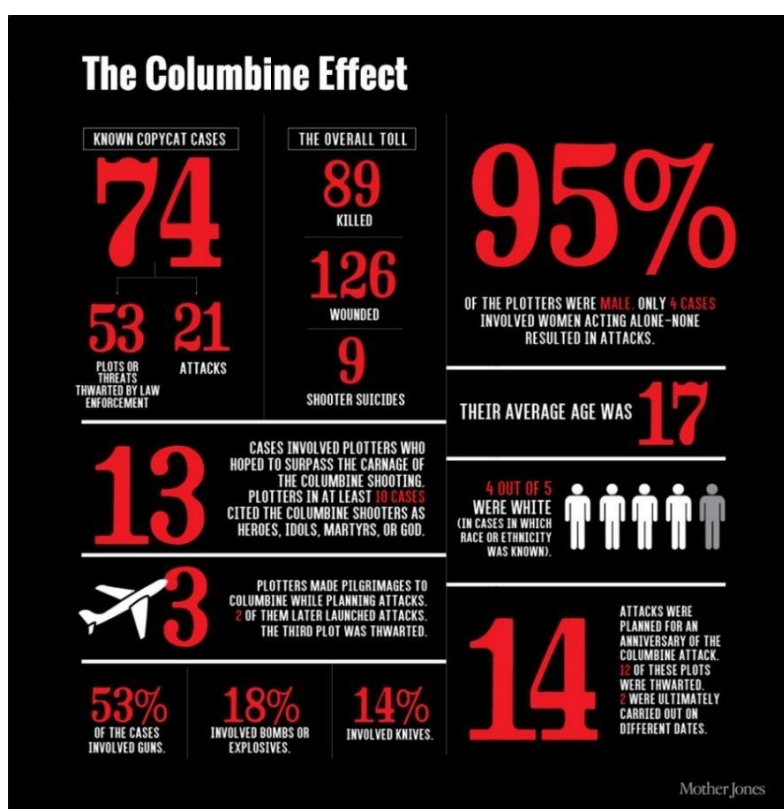
<sup>65</sup> <http://www.acolumbinesite.com/eric/cross.php>

<sup>66</sup> “Como podemos perdoá-lo? ”

algum crime. Sobre esse efeito contagioso, existem pesquisas documentadas que mostram esses efeitos de copycats em Columbine, como o estudo feito por Follman (2015) que encontrou pelo menos 21 copycats e outras 53 tentativas frustradas nos Estados Unidos ao longo de 15 anos.

Em outro estudo, Langman (2019), encontrou cerca de 43 ataques que tiveram Columbine como modelo. Como dito anteriormente, o massacre de Columbine acabou se tornando um tipo de paradigma que outros atiradores começaram a seguir<sup>67</sup>. Muitos desses ataques não se inspiraram apenas no modo como D.K. e E.H. agiram no massacre, mas também nas roupas que usavam, nas músicas que gostavam, assim como no que acreditavam, como pensamentos políticos e estilo de vida. A mídia também teve um grande papel que contribuiu para a existência desses copycats, tópico que será mais abordado no próximo capítulo. Abaixo podemos ver algumas imagens que mostram mais sobre a influência de Columbine.

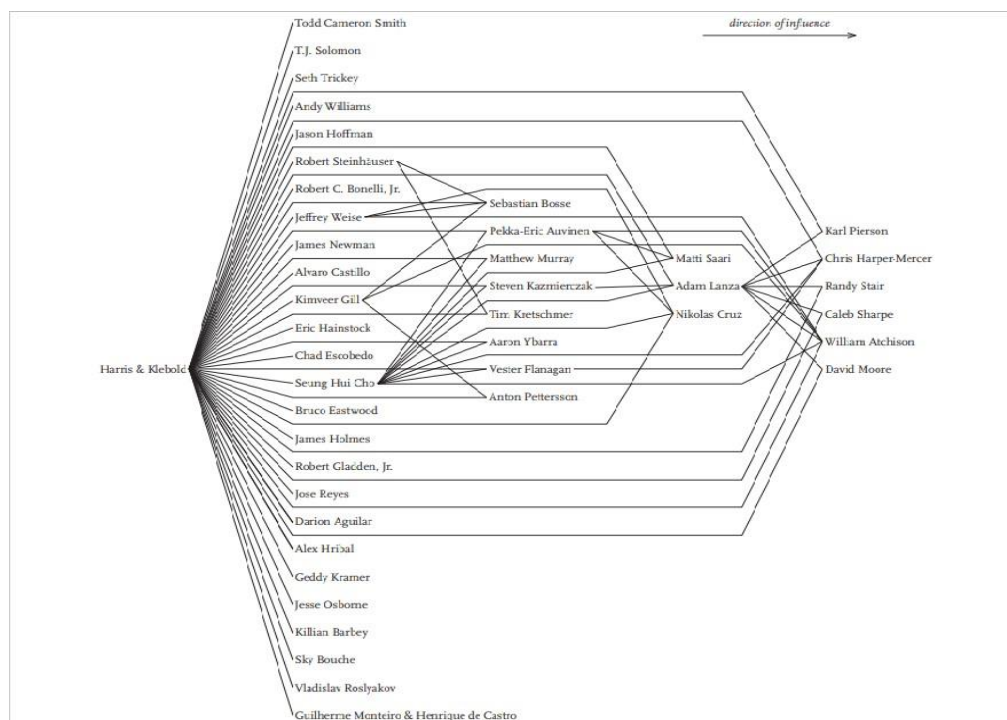
Figura 6 - O efeito Columbine



Fonte: Mother Jones<sup>68</sup>

<sup>67</sup> [https://schoolshooters.info/sites/default/files/columbine\\_influence\\_tabloid\\_1.3.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/columbine_influence_tabloid_1.3.pdf)

<sup>68</sup> <https://www.motherjones.com/politics/2015/10/mass-shootings-threat-assessment-shooter-fbi-columbine/>

**Figura 7 - A influência de Columbine**

Fonte: Peter Langman<sup>69</sup>

Uma reportagem feita pela ABC News<sup>70</sup>, mostra esse fenômeno dos copycats e traz exemplos de casos que aconteceram, assim como de outros que a polícia conseguiu impedir, todos tendo como inspiração Columbine. A reportagem fala em 17 casos e outras 37 ameaças graves desde Columbine. Nela, podemos ver diários, vídeos e homenagens para os dois atiradores, feitos por esses suspeitos que são trazidos na reportagem e não tem seus nomes divulgados, apenas imagens. Dentre algumas das falas temos a de um garoto que foi preso que diz que seu ídolo número um seria E.H. e que via a si mesmo nele.

Em outro momento, na mesma matéria, podemos ver outro homem que fez sua família dirigir até Columbine para filmar e ver a escola, ele comprou a mesma arma que E.H. usou no massacre, assim como gravou um vídeo usando um sobretudo preto e disse que a operação Columbine estava a caminho. Infelizmente ele acabou matando seu pai e feriu outros dois estudantes, enquanto estava sendo preso ele disse às câmeras: “remember

<sup>69</sup> [https://schoolshooters.info/sites/default/files/columbine\\_influence\\_tabloid\\_1.3.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/columbine_influence_tabloid_1.3.pdf)

<sup>70</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=C0ybj7TAxhc>



Columbine”<sup>71</sup>. Ele usava uma blusa que estava escrito o mesmo e que tinha a data do dia do massacre.

Um dos convidados do programa foi chamado para falar sobre como esse fenômeno poderia parar, ele então diz sobre a questão de darem mais suporte para pessoas mentalmente doentes, assim como deveriam fazer algo sobre o bullying, tentando identificar crianças que estejam passando por isso e passando por momentos ruins.

Apesar de ter sido um crime que aconteceu em 1999, podemos perceber que ainda é muito influente, não somente para pessoas que querem reproduzi-lo, mas também como sendo fonte para estudos e pesquisas que envolvem muitas áreas do conhecimento. A mídia ainda traz esse massacre para se referir a outros quando acontecem, assim como também é relembrado quando completa X anos que aconteceu.

Por esses motivos trazidos é que optei por escrever o nome dos atiradores em sigla, apesar de serem nomes que já foram e ainda são amplamente divulgados pela mídia e de fácil acesso pela internet não quis dar mais espaço para os atiradores, preferi trazer apenas os nomes das vítimas desse caso.

---

<sup>71</sup> “Se lembre de Columbine”.

#### 4. BIBLIOGRAFIA E DEBATES

Columbine, como vimos não apenas continua movimentando a imaginação das pessoas, como também gerou uma série de discussões. Antes de Columbine, não se fazia a distinção entre homicídios que tinham mais de duas vítimas. Todos eram considerados como resultado de homicidas em série. Hoje existem três terminologias diferentes: serial killer; mass murder; e spree killer. Mass murder, que é o que interessa para esse trabalho, se refere aos assassinatos em massa que tenham quatro ou mais vítimas no mesmo local do crime; Spree killer são os assassinos de três ou mais vítimas que morreram em mais de um local em um curto período de tempo; e o serial killer, é quem mata mais de duas vítimas com um certo tempo e em locais diferentes (Gomes 2019).

Das interpretações possíveis do massacre de Columbine, o levantamento bibliográfico revelou que elas podem ser agrupadas em algumas categorias, como: busca por fama, disponibilidade de armas, possíveis psicopatologias, bullying e dentre outras que serão abordadas de maneira mais aprofundada nos parágrafos que se seguem. É evidente que existem outras interpretações, já que são muitas áreas de conhecimento que estão estudando esse tipo de crime, mas dentre as que foram encontradas, acredito que as aqui mencionadas são as que estão mais presentes.

Em um sentido mais amplo, BLAIR (2004) nos traz que os objetivos de um massacre seriam o da destruição total, tendo como propósito nada mais do que a violência em seu estado puro. “Ella es la teatralización del exceso” (BLAIR, 2004, p.168). O que de fato a gente pôde constatar em Columbine, já que toda essa violência ficou muito evidente na descrição de como tudo ocorreu. E recordando o que já foi abordado sobre a violência fazer parte dos seres humanos.

Aragão (2018) aborda que massacres e extermínios possuem o mesmo fundo: alteridade. Ou seja, uma busca ou reconhecimento do que seria o outro, sendo que ele traz o outro como possuindo dois princípios. O primeiro: curiosidade; o segundo: do medo e repulsa. Para ele, assim como os animais, nós, agimos de forma a mantermos distância das outras pessoas, tomando cuidado com a aproximação. Após o primeiro momento, de cuidado, agimos a partir do medo e da curiosidade. Nesse processo, podendo se tornar um

objeto de desejo, nós transformamos em um objeto e passamos a tentar reduzi-lo à nossa imagem.

Para o autor, em casos de massacres e extermínio o problema não seria a falta de reconhecimento da igualdade, não seria a falta de dizer que somos iguais, seria o contrário. E.H. e D.K. não pensavam que as outras pessoas fossem iguais, não os enxergavam dessa forma, pelo contrário, eles escreveram em muitos momentos que eram superiores, que eram os únicos a possuírem autoconhecimento, como já dito. Mais do que isso, ambos se autodenominavam como Deus, agiram por vezes como se fossem os detentores da vida das pessoas, escolhendo quem merecia ou não viver.

Muito já se foi publicado sobre massacres escolares pelo mundo. Em uma das publicações, Patrick (2018) defende que “The desire for fame is a longstanding motivation driving human behavior [...] Tragically, some of these bad actors are individuals capable of committing mass shootings”. A hipótese nos leva a questionar o papel da mídia nesses casos.

Lankford e Madfis (2018) também sugerem que a busca pela fama e a atitude de grande parte da mídia contribuem para a proliferação dos massacres. Esses casos também parecem oferecer uma espécie de inspiração contagiosa, que se refletem nos chamados copycats, termo que já trouxe anteriormente. Os autores, trabalham com a hipótese de que a publicação desses nomes e imagens encorajaria outras pessoas a almejem esse tipo de fama, por perceberem que em casos anteriores, outras pessoas já o teriam conseguido. Lankford e Madfis (2018) enumeram três consequências dessas divulgações feitas pela mídia:

- 1- Cobertura da mídia é o que atiradores em massa querem;
- 2- Cobertura da mídia acaba contribuindo para a competição desses casos, fazendo com que queiram sempre aumentar o número de fatalidades;
- 3- A cobertura da mídia acaba gerando um efeito de contágio e copycats.

Em Harding et al. (2002) temos outros fatores que são apontados como possíveis causas para ocorrências de *rampage school shootings*. Que são: a disponibilidade de armas; as culturas nas quais esses indivíduos estão e para as quais é aceitável o uso de armas para a solução de problemas mais extremos; a percepção dos indivíduos na qual posições sociais que são consideradas importantes lhes foram privadas, ao longo de um processo de marginalização; as possíveis psicopatologias dos perpetradores; as falhas no

sistema de suporte social, que poderiam contribuir com o atendimento de adolescentes problemáticos, antes desses problemas se tornarem extremos.

O termo *rampage* se refere a situações consideradas turbulentas, Vieira et al. (2009) dizem que essas situações envolvem grupos de pessoas, ou até mesmo multidões, e os *school shooting* são os tiroteios em ambientes específicos, as escolas. Os autores, chamam a atenção para os mecanismos de humilhações contra pessoas consideradas excluídas, *outsiders*. O bullying e a falta de intervenção por parte das outras pessoas, como pais, mães, diretores(as), professores(as) contra essas atitudes é marcante. Para eles, seria um equívoco colocar toda a razão dos massacres na possível psicopatia desses indivíduos. A “origem” de um massacre passa por um processo que poderia ter se iniciado nas primeiras interações sociais e se desdobrado na escola e na universidade.

O bullying, de acordo com a psiquiatra Silva (2014) pode ser definido por conjuntos de ações agressivas, repetitivas e intencionais que podem ocorrer sem algum motivo evidente, que é adotado por um ou mais alunos(as) contra outros(as). Muitas vezes os(as) mais fortes utilizam das pessoas mais frágeis como objetos de diversão e até prazer, fazendo “brincadeiras” que têm o objetivo de maltratar, humilhar, intimidar e amedrontar. Essas atitudes causam medo, dor, sofrimento e em muitos casos acabam gerando diversos problemas envolvendo a saúde mental das vítimas. Geralmente, existe algum tipo de liderança em grupos de agressores, e essa pessoa apresenta características que são compatíveis com a personalidade de psicopatas.

Esse tipo de ação ocorre muitas vezes no ambiente escolar, como foi o caso de Columbine. Garcia-Silva et al. (2022) abordam uma visão histórica do fenômeno da violência escolar que não é novo, já que tem ocorrência em países pelo mundo desde meados do século XX. No texto desses autores, encontramos uma tipificação para a violência escolar que pode ser considerada de algumas formas, como: crime; violência como incivilidade; e, violência simbólica ou institucional. Assim como bullying, o cyberbullying aparece frequentemente em pesquisas que tratam do tema da violência escolar. Para os autores, tipicamente são os meninos que apresentam atitudes mais agressivas, muitos deles vivem relações abusivas em casa.

Já Rifiotis (1997) parte do princípio de que relações de poder e violência existem em todos os lugares. Como exemplo, o autor cita as relações de pais, mães e filhos(as), escola, relações de trabalho, prisão e outros. O que remete ao que foi dito por um dos

amigos dos atiradores, sobre as relações de poder e hierarquia que existia em Columbine. Em um vídeo realizado antes do massacre, D.K. está segurando a câmera, enquanto E.H. caminha com outros colegas pela escola, na cena vemos alguns atletas caminhando na direção deles, como ninguém muda de caminho, os atletas acabam esbarrando neles e quase derrubam a câmera por conta disso.

Parece difícil negar com os dados apresentados nos capítulos anteriores que a violência escolar, bullying e relações de poder faziam parte da vida dos atiradores. Evidentemente, isso não seria uma justificativa aceitável para as ações de D.K. e E.H. Mas nos mostra o cotidiano escolar dos envolvidos. Após a exposição do que aconteceu no massacre, dos diários e outras informações importantes podemos ter um contexto mais abrangente do que se passava com eles.

Temos então uma dimensão agora de que o bullying era comum e fazia parte do dia a dia dos atiradores, de certa eles acabaram também sendo “vítimas” de uma escola que não se atentava ao que estava acontecendo com seus alunos, assim como eles também foram “vítimas” de uma sociedade que não os aceitava. Isso não está sendo colocado para tentar encontrar algum tipo de justificativa, coloco essas questões por fazerem parte de todo o contexto que envolve o massacre, assim como faz sentido para tudo o que eles criaram. Podemos pensar em muitos pontos, um deles talvez seria o de que esse massacre pode ter sido uma forma de denúncia dos atiradores, contra o bullying e o desejo de serem aceitos.

Entrando em questões culturais que envolvem o massacre de Columbine, existem pontos que devem ser levados em consideração sobre os Estados Unidos, local onde acontecem mais tiroteios em massa no mundo, de acordo com uma matéria da CNN<sup>72</sup>. No qual trazem Adam Lankford, professor de justiça criminal da Universidade do Alabama, que revisou registros de ocorrências desses casos e encontrou pontos em comum nesses casos dos Estados Unidos e diferenciações para outros lugares do mundo.

Lankford, aponta que nos EUA as pessoas têm grande probabilidade de morrerem em tiroteios em massa enquanto estão na escola ou no trabalho, sendo que em outros países isso acontece, geralmente, caso estejam perto de instalações militares. Nos EUA,

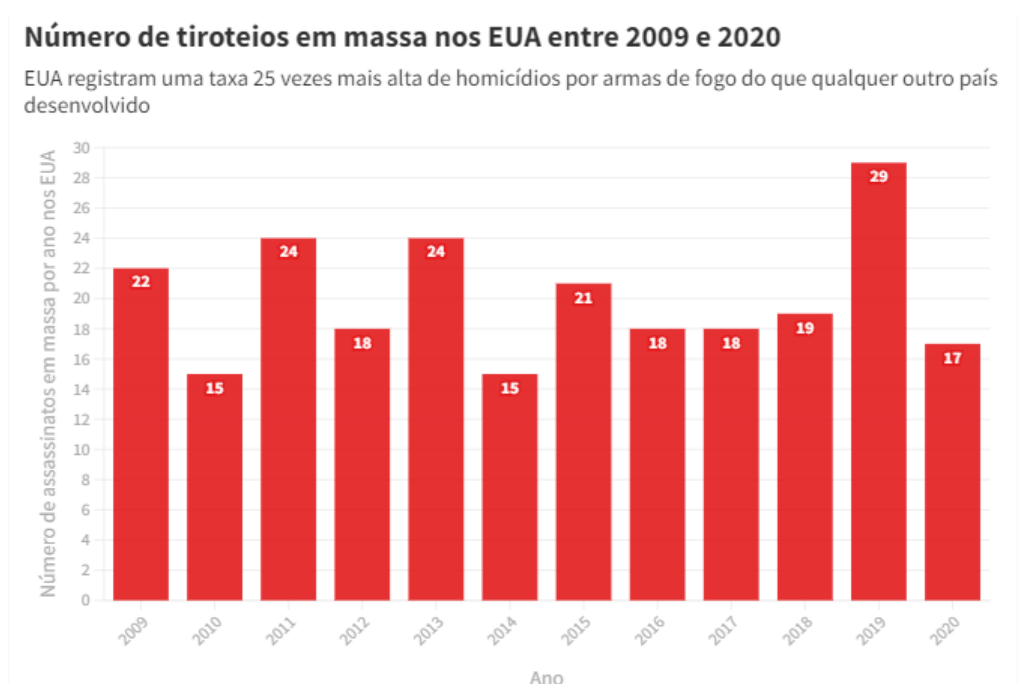
---

<sup>72</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-por-que-os-estados-unidos-sao-o-pais-com-mais-tiroteios-em-massa/>

na maioria dos casos, o(os) agressor(es) tem mais de uma arma de fogo, em outros países geralmente o atirador possui somente uma.

Na mesma matéria, temos a informação de que no país em questão eles possuem mais armas do que qualquer outro país, para termos noção a população dos EUA tem cerca de 319 milhões de pessoas para 270 a cerca de 310 milhões de armas em circulação no país, ou seja, quase todo estadunidense tem uma arma.

**Figura 8 - Tiroteios em massa nos EUA de 2009-2020**



Fonte: CNN Brasil<sup>73</sup>

No documentário de Bowling for Columbine (2002) de Michael Moore ele também vai em busca de tentar compreender o motivo que faz com que a cultura estadunidense goste tanto de armas. No documentário, logo no início temos um comentário de um homem entrevistado que diz ser uma tradição americana, mas ele vai além dizendo que seria uma responsabilidade americana estarem armados, para ele, não estar armado é irresponsabilidade, pois, como iria defender seus filhos sem armas. Ele finaliza dizendo que seria dever de cada um defender a si mesmo e os seus e caso você não faça isso, estaria abandonando seu dever como americano.

<sup>73</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-por-que-os-estados-unidos-sao-o-pais-com-mais-tiroteios-em-massa/>

Além de ter ganhado um Óscar como melhor documentário, também fizeram com que a fabricante de munições K-Mart Headquarters encerrasse suas vendas para pistolas em todo os Estados Unidos. Essa cena podemos ver no próprio documentário, quando Michael Moore junto com dois sobreviventes do massacre, Richard Castaldo que ficou paraplégico e Mark Taylor que foi atingido no peito, braços e perna, se fingiu de morto e conseguiu sobreviver, no momento do documentário ele não conseguia ficar muito tempo em pé por conta das cirurgias.

Eles foram até a fábrica de munições e devolveram as balas que os atingiram no dia do massacre em forma de protesto. O pedido era de que essas munições parassem de ser vendidas, assim como as pistolas que foram usadas no massacre que também eram feitas por eles. No primeiro momento não conseguiram muita coisa, então, decidiram ir até uma loja K-Mart e compraram todas as munições que tinham disponíveis para venda.

No dia seguinte voltaram até o escritório deles, dessa vez junto com a imprensa, após isso, a vice-presidente de comunicações fez um pronunciamento, e como disse anteriormente, encerraram as vendas de munições para pistolas em todo território dos Estados Unidos.

Vimos então diversas relações causais apontadas pelas bibliografias trazidas, assim como mais sobre a cultura que estavam inseridos os atiradores, todos esses aspectos são de suma importância para a discussão sobre o tópico e me ajudaram a compreender mais e melhor sobre o tema. Mas agora iniciarei minha hipótese metodológica, trazendo outra possibilidade para o caso que é de trabalhar o massacre como sendo um ritual sacrificial mostrando suas relações de sentido.

## 5. RITUAIS E SACRIFÍCIO

Para dar início a esse capítulo recorri a um texto de Aragão (2018). Em um texto chamado de *Sacrifício em Búzios*, ele traz um crime no qual, para ele, uma mulher havia sido condenada ao sacrifício pela sociedade e o réu acabou assumindo papel de sacrificador. O crime em questão foi um feminicídio que aconteceu em 1976 em Búzios no Rio de Janeiro, no qual um homem assassinou sua namorada por não aceitar o término do relacionamento e também por ciúmes, ele utilizou do argumento de que agiu em “legítima defesa da honra” - caso que ficou bastante conhecido no Brasil<sup>74</sup>. Recorri a esse texto para trazer a sugestão de Aragão de que há pessoas que acabam sendo, de certa forma, sacrificadas pela sociedade. A sociedade não aceitou a forma como a vítima vivia, condenando-a a morte.

Isso também pode ser pensado em Columbine, já que os atiradores não eram aceitos por quem se enquadrava em um padrão, como os atletas e as pessoas mais populares da escola. Nos diários de D.K. e E.H. encontramos trechos em que eles relatavam sobre como queriam viver como os atletas, ou como gostariam de ser amados. Nesse caso, sugerimos a hipótese de que os atiradores acabaram assumindo dupla função de sacrificados e sacrificantes, termos que serão mais aprofundados no decorrer do capítulo.

Massacres escolares, em sua maioria, demonstram toda uma preparação que é encontrada conforme investigações sobre esses crimes vão sendo feitas. Em Columbine, já vimos como essa preparação foi feita. Começando com missões, no qual, para resumir o que já foi explicado, os envolvidos faziam bombas e as explodiam, assim como atacavam casas de pessoas que tinham alguma desavença; escreviam em seus diários seus motivos, pensamentos, preparação, assim como a visão dos seus desdobramentos; a escolha da roupa, assim como a frase que seria impressa na blusa de cada um; e outras formas de como planejavam agir. Esse não foi o único massacre escolar com esses passos.

Gomes (2019) traz um perfil que pode ser encontrado nesses tipos de crimes: a maioria são homens; armas de fogo são as mais utilizadas; intenção de atingirem o maior número de pessoas que geralmente são aleatórias; passaram por algum tipo de mudança na vida, como bullying na escola; o local escolhido pode representar alguma situação traumática ou algo simbólico, tendo uma motivação afetiva; possuem transtornos

---

<sup>74</sup> <https://www.eql.com.br/noticias/2021/12/morte-da-socialite-mineira-angela-diniz-completa-45-anos/>



mentais; na maior parte dos casos, cometem suicídio ao final; e eles não estão em busca de uma recompensa como dinheiro, o objetivo é realmente ter o maior número de vítimas e não consideram ser capturados.

Após todas as descrições trazidas até agora, uma questão muito presente que me chamou atenção foi a de que esses eventos podem ser caracterizados como uma forma de ritual. Já que se olharmos para eles em sua totalidade, assim como para o fato do sacrifício, eles apresentam características já apresentadas e discutidas na antropologia.

Retomando e aprofundando a leitura de COSTA (2013) a autora em sua explicação de Turner, traz que no momento do ritual as pessoas que estão envolvidas não são as mesmas da vida cotidiana. Ou seja, ocorre um momento de separação, no qual os(as) indivíduos estão em uma outra atmosfera simbólica, após isso ocorreria a reintegração à sociedade, o ritual seria uma possibilidade de transformação que não estaria presente apenas ao campo religioso, mas também em categorias divergentes e profundas dentro das culturas.

Isso aconteceu em Columbine, já que se pensarmos no cotidiano dos atiradores eles eram sempre colocados de lado por não fazerem parte dos grupos mais populares, no dia em questão eles se colocaram em uma atmosfera simbólica diferente, no qual todas as pessoas presentes na escola prestaram atenção neles, assim como após o ataque eles se transformaram em diferentes campos dentro de culturas. Para alguns se tornaram heróis e para outras pessoas seres abomináveis.

Quando voltamos a parte descritiva do trabalho, já existem pontos que podem ser ligados com o que acabei de apresentar. Quando a autora fala sobre Turner, vemos sobre o ritual podendo estar relacionadas ao cotidiano da sociedade. O que faz muito sentido ao que já foi abordado a sobre a cultura do armamento estadunidense, no qual, existem estudos que trazem os motivos que fazem os Estados Unidos ser o país que mais ocorrem massacres escolares no mundo.

COSTA (2013) também aborda Schechner, que apresenta o que seriam rituais seculares, que envolvem questões de transformação permanente das pessoas, se analisarmos os atiradores foram de pessoas menosprezadas para mundialmente conhecidos e até adorados e seguidos por alguns, a sua imagem sofreu uma transformação permanente. Columbine não pode deixar de ser pensado sem a vida cotidiana de ambos os atiradores, pois esse crime não pode ser entendido fora de seu contexto, assim como

não podemos deixar de lado seus aspectos simbólicos: existe todo um sentido que eles criaram e que se realizam no inconsciente deles.

De agora em diante estarei fazendo uma análise de Columbine a partir de leituras que fiz em Mauss e Hubert, Girard e Tambiah. Todas essas leituras, assim como em outras, mas principalmente nessas foram importantes para conseguir ter uma visão mais teórica desse caso, assim como foram necessárias para uma compreensão mais ampla que ajudam a perceber aspectos mais simbólicos.

Em muitos textos, que inclusive estarei abordando mais à frente a religião está muito presente e atrelada. Fazendo com que pareçam, até certo ponto, de que rituais ou sacrifícios só poderiam acontecer se atrelados a questões religiosas. Tambiah (1979) nos traz um olhar diferente sobre rituais, quando os explica como sistemas de construções culturais de comunicação simbólica. O autor defende que questões culturais estão implicadas na forma em que o ritual irá acontecer, a forma e o conteúdo acabam sendo essenciais para as ações de um ritual, tendo dessa forma eficácia e caráter performativo.

Como já abordado no capítulo anterior, os Estados Unidos é o país que mais ocorre tiroteios em massa no mundo, na ocasião foi explicado que quase todo estadunidense possui arma de fogo, esse ponto é importante quando estamos olhando para a sociedade já que questões culturais estão atreladas na forma como esse tipo de crime irá decorrer.

Retomando Tambiah (1979), o ritual requer uma cosmologia, concepções que classificam e enumeram fenômenos que vão compondo o universo, sendo ordenados e tendo processos e normas que os regem. Isso é interessante, já que nos leva para seu ponto de vista no qual noções cosmológicas de uma sociedade são princípios orientadores, assim como concepções do santo e sagrado, o sacrossanto, que são usados como parâmetros e considerados dignos de continuarem relativamente sem alteração.

Para o autor, em discussões de encenações que possuem um sentido “focal” em rituais a distinção entre seculares e religiosos acaba sendo de pouca relevância, já que a ideia do sagrado acaba não precisando prender-se a questões religiosas. Uma atitude considerada como tradicionalista ou inquestionável, de acordo com o autor, pode ser vista como sagrada. A ação ritual tem como objetivo comunicar e mediar entre diversos agentes, níveis, eventos que são culturalmente distintos e que compõem a cosmologia.

Podemos perceber que em muitos momentos acabamos já tendo em nosso imaginário que rituais irão envolver questões ou até mesmo performances religiosas, voltados para sentimentos esperançosos, positivos ou até mesmo prósperos. Mas o texto de Tambiah (1979) traz pontos para pensarmos sobre e podemos analisa-los a partir de três aspectos.

O primeiro, envolve uma população que marca esses acontecimentos como sendo distintos de casualidades cotidianas; o segundo, nos traz uma performance que seria coletiva para atingir um determinado fim; o terceiro, seria que esses eventos apresentam uma ordenação que é estruturante para eles. Esses traços foram os apresentados por Tambiah (1979) como os fundamentais para um ritual.

Os riots que estarei trazendo mais afrente novamente, como exemplo do autor, possuem um objetivo específico, mesmo que possam parecer como sendo irracionais, caóticos e até mesmo involuntários, quando paramos para analisa-los podemos perceber que na verdade eles possuem sim atitudes antecipadas, assim como premeditadas, com uma duração que seria determinada, ou pelo menos pensada.

Em outro texto de Tambiah (1996) podemos ver uma ação violenta e pensarmos que ela pode ter sido espontânea, mas que na verdade possui organização. Esses eventos podem ser vistos como sendo rituais, como ele traz os riots que seriam essas ações violentas, mas que envolvem política e além disso regras. Por trás desses eventos existe uma cosmologia, um sistema de ideias que dão sentido para esses eventos.

Retomando o texto de Mauss e Hubert (2005). São chamados de sacrifício todas oblações, mesmo que vegetais, de acordo com os autores, no qual essas oferendas ou até mesmo uma parte delas, sejam destruídas, apesar do hábito acabar parecendo envolver apenas sacrifícios sangrentos. Então, os autores trazem que a fórmula seria: o sacrifício como sendo um ato religioso, no qual mediante consagração de uma vítima modifica-se o estado da pessoa moral que o realiza ou até mesmo de objetos pelo qual possuem interesse.

Para que um sacrifício acontecesse, era necessária uma consagração. Ou seja, um objeto que era do domínio do profano, passaria a ser aproximado do domínio religioso, logo, passando a ser um objeto consagrado. O sacrificante seria a pessoa que se submete aos seus efeitos ou que acaba por receber os benefícios daquele sacrifício. As coisas pelas

quais são os objetivos do sacrifício são chamadas de “objetos do sacrifício”, de acordo com os autores.

Importante ressaltar que o sacrificante também é atingido, mesmo que o objetivo do sacrifício seja em favor de um outro. Fazendo com que aconteça um efeito duplo, que cai sobre o objeto que se foi oferecido, assim como sobre o qual se quer atingir. O outro efeito é sobre a pessoa que deseja e provoca isso.

Existem formas desses objetos consagrados serem ofertados e uma delas só ocorre após o objeto ser destruído, como com animais apresentados em altares. O objetivo só é adquirido quando ocorre o sacrifício desse animal, sendo então a vítima. Logo, essas são as ofertas, ou oblações, que levam a denominação de sacrifício, carregando energias mais fortes e devastadoras.

Para finalizar esse primeiro texto e as ideias que foram apresentadas nele até agora, podemos perceber que o sacrifício para os autores está bastante atrelado a questões religiosas. Existem dois pontos a serem levados em consideração para que o sacrifício seja bem fundamentado, primeiro é necessário existir fora do sacrificante algo que o faça sair de si mesmo, assim como coisas às quais se deve o que sacrifica. Depois, é necessário que essas coisas estejam perto dele para que se possa entrar em contato com elas, encontrando forças e segurança que são precisas e podendo assim extrair o benefício de que se espera nesses ritos.

Voltando ao tema do trabalho, consigo ver pontos nas ideias de Mauss e Hubert que me remetem ao massacre de Columbine: ambos os envolvidos no massacre não se consideravam apenas como superiores, mas também se diziam ser Deus, porém, temos aqui uma ambiguidade. O que fica muito evidente lendo seus diários já que ao mesmo tempo que eles diziam isso sobre a superioridade, eles se sentiam excluídos e marginalizados.

Para que o sacrifício exista, é necessário que um ato seja realizado. Algo é escolhido para isso, mas essa escolha não é aleatória, sendo algo que faça sentido para quem vai sacrificar, tendo um tipo de relacionamento ou relação, mesmo que mínima, pois se formos pensar no caso de Columbine, a maioria das vítimas ou pessoas que foram feridas não conheciam ou tinham pouquíssimo contato com os atiradores. O tipo de relacionamento das vítimas com os atiradores era o de que estudavam na mesma escola.

Isso também pode representar um sentido de que seriam anônimos atirando contra pessoas aleatórias, fazendo uma quebra ou rompimento com as pessoas mais populares da escola.

Resgatando o que disse anteriormente sobre o sacrifício, podemos recordar a noção de que a sociedade já havia os sacrificado, fazendo com que de certa forma ambos acatassem a isso. Podemos refletir sobre uma questão até mesmo disfuncional da sociedade que pode gerar uma loucura, um adoecimento, já que os atiradores estavam constantemente sendo apontados como não pertencentes.

O local escolhido também não é aleatório, ele também precisa ter sentido para essas pessoas. A escola entra nesse papel de grande significado dessas pessoas, pois, grande parte do sofrimento vivido por eles foi dentro da escola. Fazendo com que todas as pessoas que estivessem contato com ela, estudantes, professores(as), pessoas que trabalhavam ali e outros(as), também fizesse parte desse plano de destruição.

Mauss e Hubert (2005) ajudam a compreendermos que Columbine também pode ser visto nesse esquema. Mas aqui o interessante é percebermos todas as etapas: entrada; sacrificante; sacrificador; lugar e os instrumentos; e a saída do sacrifício. Podemos então visualizar o massacre de Columbine com esse esquema trazido no texto:

A entrada deles dois na escola, a qual não foi da maneira como tinham planejado, já que eles não deram a entender em nenhum lugar que tinham o objetivo de entrar na escola; sacrificante, que aqui podemos ter algumas interpretações, como a de que além das vítimas, os atiradores também podem ser vistos nessa etapa, a própria morte dessas vítimas pode ter sido uma forma de preparação para o sacrifício dos atiradores; sacrificador, nesse caso tiveram dois D.K. e E.H.; lugar, eles escolheram um ambiente que tinha bastante significado e ligação ao sofrimento deles: a escola; e os instrumentos foram armas de fogo e bombas de fabricação caseiras, outras armas como facas foram encontradas com eles após o massacre, mas não chegaram a usar; e por último temos a saída do sacrifício, que acabou quando ambos os atiradores se suicidaram.

Pensando em toda a ação presente no massacre as pessoas que eles mataram fazem parte de todo um processo de “consagração”, essas mortes foram o passo que tomaram para o fim deles mesmo. Foi a preparação deles, todo esse processo que expliquei no parágrafo anterior fez parte da preparação do seu próprio sacrifício. Eles assumiram essa postura de sacrificantes, que seria quem ofereceria o sacrifício, de sacrificadores que cooperam para a realização do sacrifício e de sacrificados.

Em Girard (1990), o sacrifício é apresentado de duas formas, uma delas com o significado que já vimos no texto anterior, como sendo sagrado e na outra como um crime, contendo riscos e sem a chance de ser feito sem exposição. De acordo com o autor, quando o desejo pela violência é instigado, acaba produzindo mudanças corporais que preparam homens para a luta. Os envolvidos do massacre apresentaram mudanças comportamentais, e até de estilo, enquanto preparavam-se para o massacre. Pessoas próximas, como já dito, notaram E.H. mais temperamental, assim como passou a se vestir apenas de preto, D.K. seguiu o estilo de roupa do amigo e com seu diário parece ter se afundado cada vez mais em conflito com suas questões de saúde mental. Assim como começaram a comprar suas armas, treinar tiros e fazerem cada vez mais bombas.

Com toda a preparação que tiveram e que já foi explicada, não podemos dizer que esse crime foi algo feito de forma irracional ou não premeditada. A violência possui sua razão para cada pessoa e ambos atiradores possuíam suas ideias e motivos, que fazia sentido para eles.

Para Girard (1990), quando a violência não é realizada ela acaba encontrando alguma alternativa, nesse caso, ele fala sobre a vítima. Temos então a explicação de que para saciar esse desejo de violência, a sociedade procura alguma vítima considerada indiferente, para que dessa forma o desejo de violência possa cessar. O autor defende algumas categorias que poderiam ser essas vítimas indiferentes, como: escravos, prisioneiros de guerra, adolescentes solteiros e crianças, pessoas com deficiência e em algumas sociedades o rei. Esses indivíduos são vistos dessa forma, pois não apresentariam, pelo menos não de primeiro momento, alguma chance de revanche, levando em consideração que ninguém estaria disposto a vingar a vida dessas pessoas. Então, de acordo com ele, temos que o sacrifício possui uma função muito importante na sociedade que seria a de conter violências, assim como de evitar conflitos. Já que quando essas vítimas fossem mortas, a sede por violência teria sido saciada.

Outro ponto do texto que é de interesse para o trabalho é podemos olhar a violência como sendo um ciclo, como o autor nos mostrou existem vítimas pelas quais não existiriam pessoas para vinga-las. Outra preocupação é a de que a violência possa se alastrar na sociedade, para que isso não aconteça, a vingança não pode acontecer. Ela não pode se tornar uma realidade, visto que a própria sociedade pode ser colocada em risco a sua existência.

Com o massacre de Columbine, diversas pessoas pelo mundo se inspiraram neles e acabaram fazendo com que esse tipo de violência e até mesmo um sentimento de vingança se alastrasse, já que na cabeça dessas pessoas a sociedade deveria “pagar” de alguma forma por seus problemas.

O massacre de Columbine não foi o primeiro, mas foi responsável por se tornar um modelo para outros, por muitos motivos, como a massiva cobertura da mídia que cobriu tudo do caso, por exemplo. Dito isso, uma vez que foi apresentado para o mundo, iniciou-se um imaginário de poder para essas pessoas, que resultou em um sentimento de desejo por vingança e represália, que fez com que muitas pessoas se sentissem capazes de realizar o mesmo.

Girard (1990) defende que para não existir esse círculo de violências, o necessário seria eliminar a violência, já que coloca em risco o futuro. Logo, todas as pessoas deveriam ser privadas de modelos de violências, para que não haja multiplicações ou imitações, como no caso que eu trouxe. As vítimas expiatórias, seriam uma saída para isso, já que na visão do autor não apresentariam riscos para represálias, logo, após a destruição dessa vítima esse desejo por violência acabaria.

Então, o que podemos compreender disso é que a violência faz parte dos seres humanos e das sociedades. Uma forma que as pessoas encontraram para continuar com a existência de suas comunidades foi a de sacrificarem essas figuras que seriam bodes expiatórios ou vítimas sacrificiais, para que a partir delas esse desejo de violência fosse canalizado, protegendo membros da sociedade. Esse bode expiatório não deveria ter ninguém que o defendesse, para que não gerasse um ciclo vicioso de vingança. Esses ritos são violentos, pois a sociedade também é. O que talvez podemos extrair disso é que esse crime influenciou outros, assim como pessoas que viram nesse ato uma possibilidade de extravasarem seu desejo de vingança por outras pessoas, que no imaginário delas, seria responsável por causarem esse tipo de sentimento.

E para o encerramento desse ciclo, a saída dessas pessoas foi o suicídio, mas o encerramento do ciclo, nesses casos, seria apenas para essas próprias pessoas, que não enfrentaram a consequência de seus atos, por aqui vemos que não tinha tanta importância escolherem vítimas específicas, já que não tinham o receio ou preocupação com o depois. Porém, o ciclo vicioso foi exposto ao mundo e continua acontecendo até hoje, com pessoas que cometem massacres.

Então, rituais podem acontecer sem que necessariamente estejam atrelados a questões religiosas, tendo em vista que pontos voltados para questões culturais sejam também considerados nesses atos que envolvem cosmologias de cada cultura e sociedade, como vimos com a matéria do CNN Brasil, que trouxe anteriormente, a cultura estadunidense é muito voltada para o uso de armas, o que também foi abordado no documentário de Michael Moore (2002).

Com o documentário em questão podemos ter uma compreensão melhor sobre o tipo de sociedade em que os envolvidos do massacre estavam inseridos. Nos Estados Unidos, existe uma cultura onde a população está sendo incentivada desde muito cedo pelo interesse ao armamento, guerras e por mais questões envolvendo o militarismo. Algo que um dos atiradores, E.H., viveu ainda mais de perto com seu pai, que servia ao exército e apresentava um comportamento rigoroso com os filhos, assim como tinha armas em sua casa.

No caso do massacre esse sentido funciona apenas para os envolvidos, sendo para nós muitas vezes uma violência sem sentido. Retomando Girard (1990) e Freud (2011), a violência seria constitutiva da sociedade, assim como a agressividade que faz parte do ser humano, pertencendo a todos(as). Mas esse sentido só vamos poder compreender caso levemos os aspectos simbólicos em consideração que possuem muitos significados por trás, que foram criados por quem os comete.

Peirano (2002) toca em um ponto muito importante que é o de trazer a ideia de um ritual como sendo uma forma de modelo para analisar eventos sociais em um sentido mais amplo. Rituais, podem ser vistos como uma forma de ampliação e focalização de aspectos que já estão presentes dentro de uma sociedade, fazendo parte de uma coerência social e isso acaba fazendo com que ao entendimento dela a análise de eventos também acaba servindo para rituais.

Assim como já trazido ao longo do texto, rituais são uma forma de vermos ações sociais dentro de uma sociedade. Assim como a linguagem está presente, e além disso faz parte da cultura, a ação também comunica algo. A autora fala que assim como a fala, o ritual também pode ser visto como um ato da sociedade. Portanto:

Ao evitar a definição rígida de ritual, a relação entre ritos e outros eventos torna-se, também, flexível, em uma plasticidade engendrada pela situação etnográfica. Isto é, somente uma determinada cosmologia pode explicar por que, em certos contextos, mitos, ritos, tabus, proibições têm a capacidade de dizer e fazer coisas diferentes, já que semanticamente eles são tanto separados



quanto relacionados: se uma sociedade privilegia ritos, outra pode enfatizar mitos. (PEIRANO, 2002, p. 26).

Se pegarmos a análise do massacre de Columbine, podemos ver muitas denúncias das atitudes dos outros alunos em relação aos atiradores. Acredito que isso já tenha sido abordado anteriormente, mas para recapitular podemos enxergar isso de várias formas, como a denúncia ao bullying, denúncia a não se encaixar e a sociedade os punindo por isso, a denúncia de não fazerem parte, de não pertencimento.

Essas atitudes e ações revelam muito sobre perspectivas de mundo, o rito, assim como eventos, vem como uma forma de demonstrar o que se é comum em uma cultura. Portanto, se temos a informação de que nos Estados Unidos o índice de tiroteios em massa é o maior do mundo, isso nos denuncia alguns pontos que já foram trazidos, como a questão armamentista estadunidense.

Massacres escolares, de primeiro momento, podem parecer algo sem sentido ou até mesmo algo feito sem ter sido pensado e espontâneo. Mas depois de todas essas explicações que apresentei sobre ritos e sacrifício, além de toda a descrição do massacre em si, dos diários e da vida que os atiradores tinham, podemos ver que na verdade tudo isso foi muito bem planejada por eles, assim como tinha sentido para eles, pode não ter para nós, mas eles apresentaram os motivos para eles.

Além disso, podemos nos perguntar o motivo de eles não terem apenas cometido suicídio. Podemos nos referir aqui a afirmação de *Precisamos falar sobre o Kevin*<sup>75</sup>: “Eu matei porque gente como eu é maltratada todos os dias. Fiz isso para mostrar que, quando a sociedade nos empurra, a gente empurra de volta.” (SHRIVER, 2007, p. 202). Eles queriam devolver de certa o que estavam fazendo com eles, mas além disso, eles queriam ser lembrados e falados. De certa forma, nesse sentido, o sacrifício foi eficaz para eles.

E.H. e D.K. escreveram em seus diários que se consideravam Deus e estavam acima das outras pessoas, em 20 de abril de 1999 eles entraram na escola em que estudavam e agiram de tal forma, escolhendo quem iria sobreviver ou não, assim como inverteram a situação de tal forma que “os perdedores dos perdedores” jamais serão esquecidos ou deixados de serem falados. Deixaram pessoas que jamais irão conseguir viver sem que se lembrem do que aconteceu naquele dia, além de terem deixado um rastro de pessoas que os admiram e querem (ou reproduzem) o mesmo.

---

<sup>75</sup> Livro escrito em formato de cartas, no qual uma mãe relata como é ser mãe de um filho que cometeu um massacre escolar em sua escola.

Olharmos para esses eventos como formas de rituais, nos dá uma possibilidade maior e mais ampla de analisar diferentes formas de expressões que ocorrem pelo mundo, que podem envolver além de questões religiosas, aspectos políticos, culturais, além de poderem envolver momentos de conflitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, buscou analisar massacres escolares por meio de temas muito abordados na antropologia, o ritual e o sacrifício. A partir de um dos massacres escolares mais marcantes que já aconteceram encontrei pontos que pude fazer relação com explicações que já foram trazidas sobre esses tópicos.

Ao longo das leituras feitas e conforme ia aprofundando ainda mais os meus estudos no tema, pude compreender ainda mais como esses crimes representam diversas formas de demonstração de ideias e representações que fazem parte de rituais. Constatando que mesmo sem um conhecimento específico sobre o assunto, os atiradores seguiram um certo tipo de padrão, ou estrutura, existente em rituais.

Assim como já dito ao longo do trabalho, existe um imaginário de que rituais e sacrifícios só ocorrem se estiverem atrelados ou ocorressem por questões religiosas. Mas a bibliografia que tive contato mostrou que não, rituais, sejam eles sacrificiais ou não, não ocorrem apenas com objetivos religiosos ou de tradição, mas como formas também de representações individuais que atingem o coletivo. Com isso, não foi pretendido encontrar justificativas para tais atos, apenas, constatações de que essas ações existem e carregam significados.

Por se tratar de um caso que ficou mundialmente conhecido, que possui muitos conteúdos disponibilizados na internet, não foi difícil conseguir encontrar o que falar sobre, o difícil foi decidir o que não entraria no trabalho, já que existem muitas informações sobre. Por se tratar de um crime, o trabalho de campo não se aplicou aqui, fazendo com que para o desenvolvimento do trabalho eu utilizasse de pesquisa bibliográfica e documental.

O estudo desse tipo de acontecimento se torna cada vez mais importante por se tratar de um fenômeno, infelizmente, em crescimento. Como não é algo que ocorre com tanta frequência ou nas mesmas proporções no Brasil, esse tópico acaba não sendo tão explorado como em outros países. Grande parte da bibliografia, assim como outros conteúdos utilizados em torno do assunto foram em inglês.

Conhecer, estudar e pesquisar sobre essa temática se faz cada vez mais necessário, já que a partir disso teremos cada vez mais um aparato maior em diferentes áreas do conhecimento, gerando talvez a partir disso novas formas de olhares e interpretações que ajudem a tornar essas formas de rituais cada vez menores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABC News. Columbine's Chilling Legacy. Youtube, 5 de out. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C0ybj7TAxhc>. Acesso em: 15 de set. de 2022.

ARCHIVES, Columbine vídeo. Columbine Timeline - Leading up to the first shots fired. Youtube, 17 de jan. de 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=jJWRRcj1I78>>. Acesso em: 1 de julho de 2022.

Aragão, Luiz Tarlei de. Coronéis, candangos e doutores: por uma antropologia dos valores aplicada ao caso brasileiro. Luiz Eduardo de Abreu (Org.). Curitiba: Appris, 2018.

BLAIR, Elsa. **Mucha sangre y poco sentido: La masacre. Por un análisis antropológico de la violencia.** Boletín de Antropología Universidad de Antioquia [Internet]. 2004;18(35):165-184. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=55703508>

BOWLING FOR COLUMBINE. Michael Moore. United States: MGM Distribution Co., 2002. - Moore, M. (Director), & Bishop, C. (Producer). (2002). *Tiros em Columbine* [Motion picture]. United States: K. Engfehr.

CHRISTENSEN, Jen. Entenda por que os Estados Unidos são o país com mais tiroteios em massa. **CNN Brasil**, 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-por-que-os-estados-unidos-sao-o-pais-com-mais-tiroteios-em-massa/>. Acesso em: 24 de agos. de 2022.

COSTA, G. A. da. O Conceito de Ritual em Richard Schechner e Victor Turner: Análises e Comparações. **Revista Aspás**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 49-60, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/68385>. Acesso em: 3 out. 2022.

CULLEN, Dave. **Columbine**. Twelve, 1st ed. 2010.

FOLLMAN, Mark. Inside the Race to Stop the Next Mass Shooter. **Mother Jones**, 2015. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2015/10/mass-shootings-threat-assessment-shooter-fbi-columbine/>. Acesso em: 6 de ago. de 2022.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização ; tradução Paulo César de Souza. - 1ª ed. - São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Garcia-Silva, S., Lima, Junior P., Caruso, H. **A violência urbana e escolar nas periferias de Brasília.** Educ. Soc., Campinas, v. 43, e248105, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8wmBG7WwBMKYTWqD6xjzgnR/?format=pdf&lang=pt>

GIRARD, René. A violência e o sagrado. - São Paulo : Editora Universidade Estadual Paulista; 1990.

GOMES, Clarice Santoro. **Assassinos em massa: atirador da Catedral**, 18 de jan. de 2019. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/664462653/assassinos-em-massa-atirador-da-catedral>. Acesso em: 15 de ago. de 2022.

GOMES, Giovanna. **O mais mortífero até o 11 de setembro: Conheça o atentado de Oklahoma City.** Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-mais-mortifero-ate-o-11-de-setembro-conheca-o-atentado-de-oklahoma-city.phtml>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

Harding, D. J., Fox, C., & Mehta, J. D. (2002). Studying rare events through qualitative case studies: Lessons from a study of rampage school shootings. *Sociological Methods & Research*, 31(2), 174-217.

I'm Not Ashamed review – faith-based drama exploits Columbine tragedy. **The Guardian**, 22 de fev. de 2018. Disponível: < <https://www.theguardian.com/film/2016/oct/21/im-not-ashamed-columbine-christianity-rachel-scott>>. Acesso em: 20 de set. de 2022.

KLEBOLD, Sue. O acerto de contas de uma mãe : a vida após a tragédia de Columbine [recurso eletrônico] ; tradução Ana Paula Doherty. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.

LANGMAN, Peter. Dylan Klebold's Journal and Other Writings. **School shooters .info**, 24 de março de 2019. Disponível em: < [https://schoolshooters.info/sites/default/files/klebold\\_journal\\_1.2.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/klebold_journal_1.2.pdf)>. Acesso em: 5 de jul. de 2022.

\_\_\_\_\_. Eric Harris's Journal. **School shooters .info**, 3 de out. de 2014. Disponível em: < [https://schoolshooters.info/sites/default/files/harris\\_journal\\_1.3.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/harris_journal_1.3.pdf)>. Acesso em: 4 de jul. de 2022.

\_\_\_\_\_. The influence of Columbine. **School shooters .info**, 10 de abril de 2019. Disponível em: < [https://schoolshooters.info/sites/default/files/columbine\\_influence\\_tabloid\\_1.3.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/columbine_influence_tabloid_1.3.pdf)>. Acesso em: 6 de ago. de 2022.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Morte da socialite mineira Ângela Diniz completa 45 anos. **EQL**, 2021. Disponível em: <https://www.eql.com.br/noticias/2021/12/morte-da-socialite-mineira-angela-diniz-completa-45-anos/>. Acesso em: 19 de out. de 2022.

My son was a Columbine shooter. This is my story | S. K. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXlnrFpCu0c>. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

PATRICK, Wendy L. What motivates school shooters? The deviant desire for publicity and other school shooter commonalities. **Psychology Today**, 2018. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/intl/blog/why-bad-looks-good/201803/what-motivates-school-shooters>. Acesso em: 5 de ago. de 2022.

PEIRANO, Mariza (org.). O dito e o feito : ensaios de antropologia dos rituais / Mariza Peirano (org.). – Rio de Janeiro : Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

Ramírez, Camilo E. É possível antecipar as coisas? . **Instituto da psicanálise laicaniana**, 2019. Disponível em: <<https://ipla.com.br/conteudos/artigos/e-possivel-antecipar-as-coisas/>>. Acesso em: 06 de out. de 2022.

RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. Antropologia em Primeira Mão. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC (19)1-30, 1997

Shepard, Alicia C. “The Columbine Shooting: Live Television Coverage.” The Columbine Shooting Case Study, Quartz.

SHRIVER, Lionel. Precisamos falar sobre o Kevin ; tradução de Beth Vieira e Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentas perigosas: o psicopata mora ao lado. - 2. ed. - São Paulo : Globo, 2014.

SHOW, Tanner gun. **The Rocky Mountain Region’s Premier Gun Show Since 1964** [...]. Colorado - USA, 27 de abril de 2012. Facebook: TannerGunShow. Disponível em: <https://www.facebook.com/TannerGunShow/>. Acesso em: 4 de jul. de 2022.

TAMBIAH, S. J. 1979. “A Performative Approach to Ritual”. Proceedings of the British Academy, 65: 113-169.

\_\_\_\_\_. 1996. Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia. California/London: University of California Press.

TEC-9. **WIKIPÉDIA**, 22 de março de 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/TEC-9>. Acesso em: 4 de jul. de 2022.

The Anarchist Cookbook. **Wikipédia**, 2021. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Anarchist\\_Cookbook](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Anarchist_Cookbook)>. Acesso em: 19 de jul. de 2022

Tragédia na escola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 de abril de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft27049906.htm>. Acesso em: 25 de jul. de 2022.

Vieira, T. M., Mendes, F. D. C. & Guimarães, L. C. (2009). De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com Base Empírica sobre um Fenômeno em Expansão. Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(3), 493-501.